

SECRETARIA DA AGRICULTURA E DO ABASTECIMENTO
COMISSÃO ESTADUAL DE PLANEJAMENTO AGRÍCOLA – CEPA/SC

SÍNTESE INFORMATIVA
SOBRE A
AGRICULTURA CATARINENSE
1976

INSTITUTO CEPA/SC - BIBLIOTECA

SÍNTESE INFORMATIVA
SOBRE A
AGRICULTURA CATARINENSE
1976

A P R E S E N T A Ç Ã O

O presente trabalho é uma síntese do documento PLANO ANUAL DE PRODUÇÃO E ABASTECIMENTO - 1976, elaborado pela Comissão Estadual de Planejamento Agrícola - CEPA/SC.

Esta síntese tem por finalidade dar acesso a todos os interessados, a dados estatísticos e informações sobre a situação atual da agropecuária catarinense sendo que, a CEPA/SC pretende reeditar anualmente esta obra, revisada e atualizada.

Nos diversos itens apresentados neste trabalho, são considerados todos os fatores que, de uma maneira direta ou indireta, influem sobre a produção agrícola. Além dos aspectos gerais da agropecuária catarinense, onde são analisados a estrutura fundiária, a participação dos subsetores agropecuários na economia do Estado, a força de trabalho, o valor bruto da produção dos principais produtos agropecuários e a exportação do setor; são considerados ainda, a produção e produtividade das principais culturas e criações do Estado, o balanço da produção e utilização dos principais produtos, desenvolvimento tecnológico, infraestrutura agrícola, comercialização e abastecimento, financiamento, controle e fiscalização e estimativa global das necessidades.

Desejamos deixar consignado nossos melhores agradecimentos a todos aqueles que colaboraram conosco, através do fornecimento de dados, informações, opiniões, sugestões, etc, e esperamos que as entidades que até agora nos apoiaram, continuem dando sua valiosa colaboração, não deixando de contribuir com críticas e sugestões sobre o presente trabalho, no sentido de que o mesmo se torne cada vez melhor, de tal forma que consiga alcançar plenamente os objetivos a que se propõe, com a maior eficiência e exatidão possível.

I - ASPECTOS GERAIS DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE

Ocupando uma área de 95.483 km², cerca de 9,5 milhões de hectares, Santa Catarina possui aproximadamente 1,9 milhões de hectares cultivados com culturas temporárias, ou seja, 20% da superfície total do Estado.

A produção agrícola da safra 74/75 atingiu 5,8 milhões de toneladas de alimentos e fumo (não sendo computado os hortifrutigranjeiros), além de 242 mil toneladas de carne de bovinos, suínos e aves.

1.- A Estrutura Fundiária

Derivada das formas de ocupação ao longo de sua formação histórica, a atual estrutura fundiária caracteriza-se pela predominância do minifúndio.

As formas de ocupação:

Uma de caráter espontâneo, dirigida para a exploração de madeira e do gado de corte, produziu propriedades agrícolas de caráter extensivo; outra - a colonização dirigida, buscou áreas de solos mais férteis, embora de relevo acidentado, originando pequenas propriedades em regime de exploração familiar.

Por ocasião do recadastramento dos imóveis rurais, realizado pelo INCRA em 1972, o resultado da divisão das propriedades mais extensas e a extrema fragmentação das unidades familiares, mostrou estrutura fundiária descrita no quadro a seguir:

Classes de Imóveis Rurais

C L A S S E - Ha	I M Ó V E I S			Á R E A - Ha		
	TOTAL Nº	TOTAL ACUMULADO	%	TOTAL CLASSE	TOTAL ACUMULADO	%
. Menos de 1	5.550	5.550	2,22	3.589,4	3.589,4	0,04
. 1 a menos 2	10.497	16.047	6,42	14.739,3	18.328,7	0,22
. 2 a menos 5	28.629	44.676	17,88	96.415,6	114.744,3	1,43
. 5 a menos 10	37.392	82.068	32,84	273.223,6	387.967,9	4,85
. 10 a menos 25	93.790	175.858	70,36	1.548.400,5	1.936.368,0	24,25
. 25 a menos 50	47.520	223.378	89,37	1.602.752,7	3.539.121,1	44,33
. 50 a menos 100	16.265	239.643	95,88	1.086.542,9	4.625.664,5	57,93
. 100 a menos 200	5.807	245.450	98,20	784.036,0	5.409.700,6	67,76
. 200 a menos 500	3.111	248.561	99,45	941.514,2	6.351.214,8	79,55
. 500 a menos 1.000	896	249.430	99,80	610.968,0	6.962.182,8	87,20
. 1.000 a menos 2.000	374	249.804	99,95	507.089,5	7.469.272,3	93,55
. 2.000 a menos 5.000	128	249.932	99,96	364.692,5	7.833.964,8	98,12
. 5.000 a menos 10.000	13	249.945	99,97	86.595,3	7.920.560,1	99,21
. 10.000 a menos 20.000	4	249.949	99,99	41.623,5	7.962.183,6	99,73
. 20.000 a menos 50.000	1	249.950	100,00	21.371,0	7.983.555,3	100,00

FONTE: INCRA - Recadastramento - 1972.

Examinando-se o quadro anterior, verifica-se que 70,36% dos imóveis rurais, ocupando 24,25% da área total, possuem menos de 25 ha.

Da mesma forma, 89,37% dos imóveis, correspondentes a 44,23% da área, apresentam área inferior a 50 ha.

Tal situação retrata a predominância da pequena propriedade, explorada em regime de economia familiar, que constitui a principal base produtiva da agropecuária catarinense.

As propriedades rurais catarinenses, classificadas segundo as categorias legais, como minifúndios, empresas rurais ou latifúndios por exploração, mostram sob outra ótica, o predomínio do minifúndio, que representa 83,34% dos imóveis e 38,29% da área.

Quadro nº 2

Classificação dos Imóveis Rurais, segundo as categorias previstas na Lei 4.504 -
Recadastramento - 1972

CATEGORIA	IMÓVEIS RURAIS		Á R E A	
	NÚMERO	%	HECTARES	%
. Minifúndio	208.328	83,34	3.056.918	38,29
. Empresa Rural	4.620	1,85	308.268	3,86
. Latifúndio por exploração	37.029	14,81	4.618,369	57,85
TOTAL	249.977	100,00	7.983.555	100,00

FONTE: INCRA

O Potencial dos Solos:

O levantamento de reconhecimento dos solos de Santa Catarina, permite analisar os aspectos relativos ao potencial agrícola de nossos solos. Segundo este trabalho, possuímos:

<u>Discriminação</u>	<u>Área (km²)</u>	<u>% Área Estado</u>
a) Solos aptos para Culturas Anuais	28.740	30,0
b) Solos aptos para culturas anuais com sérias restrições pela fertilidade natural e baixa capacidade de retenção de umidade	2.192	2,3
c) Solos aptos para culturas anuais com risco de inundação	2.015	2,0
d) Solos com restrições para a produção de culturas anuais e aptos para pastagens	2.109	2,1
e) Solos aptos para culturas permanentes com condições para utilização com culturas anuais de lavouras de extensão limitada	37.914	39,7
f) Solos aptos para culturas permanentes, pastagem ou reflorestamento	22.713	23,6
g) Reflorestamento para fixação de dunas	0.258	0,3

Sob o ponto de vista da utilização agrícola, as condições de relevo e solo do Estado são singulares.

De forma geral, podemos distinguir cerca de 70% da área estadual com limitações, devido ao relevo, pedregosidade e afloramento de rochas; 30% constituído de áreas planas e onduladas, sem limitações para a mecanização.

As áreas de maior fertilidade natural correspondem ao relevo acidentado, ao passo que os solos de média e baixa fertilidade situam-se em áreas favoráveis à mecanização.

Nos solos de relevo acidentado, mais férteis, está situada a maior parte das pequenas propriedades; aí se produz a maior parcela do milho, feijão, soja, fumo, trigo, suínos e outros produtos.

A utilização do potencial agrícola de áreas mecanizáveis é recente. Os incentivos dos Governos Estadual e Federal - crédito, preços mínimos, subsídio de juros e fretes para calcário e fertilizantes, assistência técnica - ao lado da crescente demanda de cereais, criaram condições para o aproveitamento de áreas até então abandonadas, ou sub-utilizadas.

2.- Participação dos Sub-setores Agropecuários na Economia Catarinense

Ao analisar a participação dos subsectores na economia do Estado, verifica-se uma redução relativa da lavoura e pecuária a partir de 1971, e um acréscimo relativo da fito-extrativa de 1972 em diante.

Esse acréscimo é ocasionado pela entrada de madeira no cenário estatístico.

No sub-setor lavoura, o produto de maior destaque foi a mandioca, apresentando em 1973, uma produção de 2.297.870 toneladas, seguido pelo milho, 1.560.276 toneladas.

Essa situação inverte-se a partir de 1974, passando o milho a ser o produto de maior destaque no contexto econômico do Estado, com uma produção de 2.218.100 toneladas, seguido pela mandioca com 2.128.200 toneladas.

No sub-setor pecuária, a suinocultura lidera a produção no Estado, pois como se sabe, sua participação é representativa, sendo Santa Catarina o produtor de suínos de melhor qualidade no Brasil.

Nossa produção é exportada, para outros Estados (São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, etc.) e para o exterior (carne frigorificada - Espanha e Arábia Saudita).

No sub-setor fito-extrativa, é a madeira que lidera a produção, representando cerca de 90% do total da produção.

O quadro a seguir enfoca o comportamento da agropecuária no Estado, através da participação percentual por sub-setor.

Quadro nº 3

Participação Percentual dos Subsetores Agropecuários no Estado de Santa Catarina - Período: 1970 - 1973

A N O	SUBSETORES		
	PECUÁRIA (1) %	LAVOURA %	FITO-EXTRA- TIVA - %
. 1970	27,94	68,82	3,24
. 1971	31,01	65,58	3,41
. 1972	27,41	54,47	18,12(*)
. 1973	25,11	56,33	18,56(*)

(1) = Bovinos, suínos, ovinos, caprinos, muares, búfalos, equinos, asininos e aves.

(*) = Acréscimo verificado devido a participação da madeira, não considerada nos anos anteriores.

FONTE: IBGE - DEE - MA - EAGRI - SUPLAN.

3.- A Economia de Santa Catarina e o Setor Agropecuário

No período de 1970 - 1975, o Produto Interno Bruto do Estado de Santa Catarina, tem sido relativamente harmônico, se comparado com o comportamento dos setores.

Analisando sob o ponto de vista a Renda Interna, a composição setorial apresentava o seguinte comportamento, conforme informações de 1972, através do Banco do Estado de Santa Catarina S/A:

S e t o r e s

Participação Percentual

. Primário	29,4%
. Secundário	27,0%
. Terciário	43,6%

Observa-se que os setores secundário e terciário apresentam forte dependência do setor primário. Exemplo dessa dependência é a indústria alimentar e madeireira.

Outros segmentos ligados ao setor terciário, como o comércio de insumos, de bens de produção, transportes e outros serviços - têm sua performance fortemente influenciada pelo desempenho da agricultura.

O valor bruto da produção considerada, foi obtido através de informações recebidas pelo EAGRI, pela Fundação Getúlio Vargas, onde são apresentadas estimativas.

O desempenho esperado da economia no Estado, no período 1970 - 1975, não deverá ser inferior a média de 6%. Não se pode qualificá-lo de satisfatório, mormente considerando as razoáveis taxas de crescimento demográfico (2,9%).

O quadro a seguir mostra estimativas de comportamento da Economia Catarinense no período de 1970 a 1975.

Quadro nº 4Valor Bruto da Produção de Santa Catarina
1970/1975

A N O S	V B P	- (Cr\$ 1.000)
. 1970		9.181.000
. 1971		11.004.000
. 1972		12.298.000
. 1973		14.142.000
. 1974		15.978.000
. 1975		17.429.000

FONTE: F.G.V.

4.- A Força de Trabalho

A população economicamente ativa do Estado, vem apresentando modificações na sua distribuição setorial.

Verifica-se um deslocamento da população economicamente ativa do setor primário, para outros setores.

Apesar do êxodo, cerca de 50% dessa população ainda vive na dependência da agricultura.

O quadro a seguir mostra a evolução da população economicamente ativa por setor, no Estado, no período de 1970 a 1975.

Quadro nº 5

População economicamente ativa, por setor

Santa Catarina - Período: 1950/75

SECTORES	POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA										PARTICIPAÇÃO PORCENTUAL					
	1950	1960	1970	1971 (*)	1972 (*)	1973 (*)	1974 (*)	1975 (*)	50	60	70	71	72	73	74	75
Primário	298.403	373.541	451.697	460.000	469.000	478.000	487.000	496.000	63	58	51	50	50	49	48	47
Secundário	82.233	98.908	174.020	184.000	195.000	206.000	218.000	231.000	17	16	20	20	21	21	22	23
Terciário	93.077	168.746	256.512	267.000	278.000	290.000	302.000	315.000	20	26	29	30	29	30	30	30
TOTAL	3.688	641.195	882.223	911.000	942.000	977.000	1.007.000	1.042.000	100	100	100	100	100	100	100	100

(*) = Estimativa - CENSA/SO.

MONTE : ISEGE

5.- Valor da Produção dos Principais Produtos Agropecuários, no Estado de Santa Catarina

O quadro a seguir mostra como se apresenta o Valor da Produção dos principais produtos distribuídos por setores da agropecuária no Estado de Santa Catarina.

No subsetor lavoura, a cultura de maior poder econômico é o milho, com uma participação percentual de 21,28 em 1974 e 19,47 em 1975, sofrendo, portanto, uma redução de 1,81% em relação a 1974.

Segue a cultura da soja, com uma participação percentual de 7,20% em 1974 e 7,44 em 1975, havendo um incremento no valor da produção em 1975, em relação ao ano anterior de 0,24%.

A cultura do trigo apresentou em 1974, uma participação percentual de 1,40%, baixando sua participação em 1975 para 0,50%, ocasionado pela queda brusca da produção, devido às más condições climáticas.

No subsetor pecuária, a carne suína apresenta maior valor econômico, com uma participação de 12,76% em 1974, mantendo este mesmo percentual em 1975.

Ao comparar o valor da produção de 1974 com 1975, os produtos de origem animal apresentam uma estabilidade econômica, exceto em aves, que em 1975 teve uma participação percentual de 5,24, com um incremento em relação de 1974 de 2,32%.

No subsetor fito-extrativa, a madeira apresenta maior participação percentual no valor da produção, ocasionado pelo grande valor econômico observado no Estado, e por outro lado, pela demanda do produto, onde sua produção atende o mercado catarinense e outros Estados, inclusive exportando para o mercado internacional.

Quadro nº 6

Valor da Produção dos Principais Produtos e sua participação percentual no valor da produção agropecuária do Estado de Santa Catarina - 1974 - 1975

1 9 7 4		1 9 7 5 (*)			
PRODUTOS	VALOR (Cr\$ 1.000)	PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL	PRODUTOS	VALOR (Cr\$ 1.000)	PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL
<u>LAVOURA</u>			<u>LAVOURA</u>		
. Milho	1.353.102	21,28	. Milho	1.295.030	19,47
. Soja	457.759	7,20	. Soja	495.232	7,44
. Mandioca	279.404	4,39	. Feijão	323.363	4,87
. Fumo	267.426	4,21	. Arroz	319.043	4,80
. Arroz	252.222	3,97	. Fumo	297.894	4,48
. Feijão	244.308	3,84	. Mandioca	243.320	3,66
. Batatinha	133.372	2,10	. Batatinha	166.004	2,50
. Trigo	87.285	1,40	. Trigo	32.940	0,50
. Cana de Açúcar ..	39.169	0,60	. Cana de Açúcar ..	28.117	0,42
<u>PRODUTOS ANIMAIS</u>			<u>PRODUTOS ANIMAIS</u>		
. Carne Suína	811.474	12,76	. Carne Suína	848.248	12,75
. Leite	338.283	5,32	. Leite	351.854	5,29
. Carne Bovina	333.193	5,24	. Carne Bovina	349.531	5,25
. Aves	185.996	2,92	. Aves	348.500	5,24
<u>FITO-EXTRATIVA</u>			<u>FITO-EXTRATIVA</u>		
. Madeira	1.378.027	21,68	. Madeira	1.378.758	20,73
. Toros	36.237	0,57	. Toros	61.433	0,92
. Erva Mate	35.482	0,55	. Erva Mate	43.073	0,64

(*) = A preços de 1974.

FONTE: CEEPA/SC.

6.- Exportação do Setor Agropecuário Catarinense

A obtenção de excedentes exportáveis na forma de produtos agrícolas "in natura" ou industrializados está na dependência, como nos demais Estados brasileiros, do melhoramento das condições existentes em portos, estradas, assistência técnica e utilização de insumos modernos pelos produtores rurais catarinenses.

Para que o Estado alcance a auto-suficiência na produção de carne bovina, faz-se necessário a introdução do hábito de um maior consumo, pela população de Santa Catarina, de carnes de aves, peixes e suínos.

O volume de excedentes agrícolas exportáveis em nosso Estado, pode ser aumentado através da incorporação de áreas agricultáveis e pelo aumento da produtividade em áreas já cultivadas.

A exportação no Estado de Santa Catarina é muito baixa se comparada com os demais Estados da região Sul.

Quanto à pecuária, as indústrias existentes no Estado não preenchem os requisitos exigidos pelos países importadores e seus produtos, devido a baixa qualidade, não têm condições de competir no mercado internacional.

Já a fito-extrativa, especificamente a madeira de pinho, tem representativa participação no mercado externo. A quantidade exportada no período 1973-1975 comparada com a média nacional foi de 54,54%. Quanto ao valor e a participação percentual foi de 54,26%.

Segundo informações da CACEX, o Estado de Santa Catarina exportou de janeiro a setembro de 1975, 292.500 toneladas, representando um montante de Cr\$ 936.100.000,00.

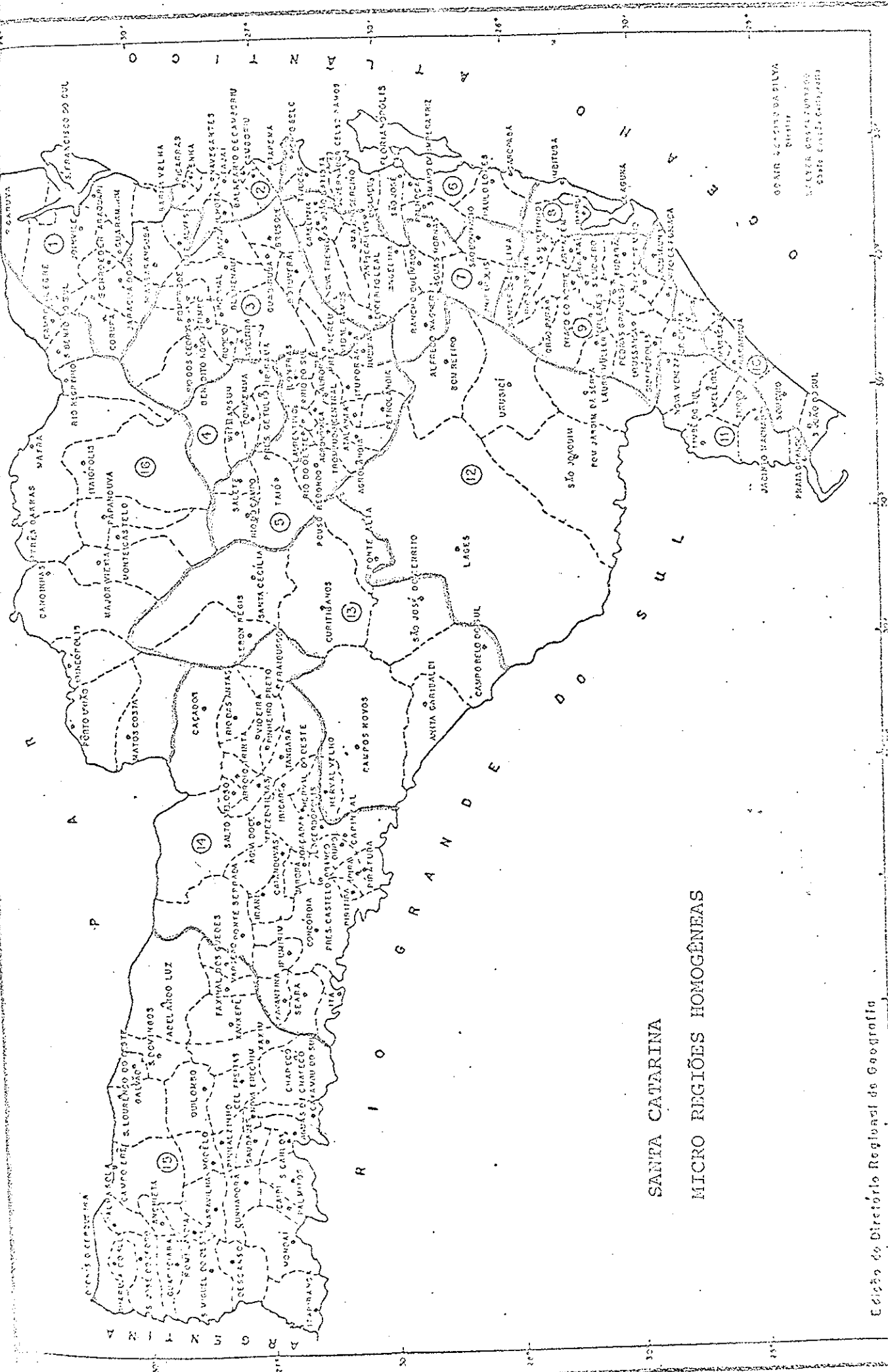
O quadro a seguir mostra o comportamento de alguns produtos agropecuários exportados para o mercado internacional.

Exportações de Produtos Agropecuários no Estado de Santa Catarina - Período: 1973/1975, à preços de 1974

P R O D U T O S	1 9 7 3		1 9 7 4		1 9 7 5 (*)	
	QTIDADE (Ton)	VALOR (Cr\$ 1.000)	QTIDADE (Ton)	VALOR (Cr\$ 1.000)	QTIDADE (Ton)	VALOR (Cr\$ 1.000)
<u>LAVOURA</u>						
. Fumo em Folha	11.759	81.600	14.401	148.108	10.320	163.450
. Soja em Grãos	19.000	33.440	30.200	53.096	11.000	19.077
. Farelo e Torta de Soja	18.795	31.196	50.322	54.708	21.752	24.686
. Milho em Grão	-	-	-	-	3.080	3.712
<u>PECUÁRIA</u>						
<u>Aves:</u>						
. Carne defumada	1,8	-	4,1	-	1,7	-
. Carne frigorificada	-	-	50,7	-	2.590	-
<u>Suína:</u>						
. Carne congelada	132,0	-	-	-	-	-
. Carne frigorificada	57,1	-	33,4	-	807,9	-
<u>FITO-EXTRATIVISMO</u>						
. Madeira serrada	19.767	17.285	12.167	19.907	1.538	2.808
. Madeira laminada	872	1.150	282	954	705	2.526
. Madeira de Pinho	167.875	218.061	73.708	197.143	54.446	147.665
. Erva Mate	-	-	2.913	9.621	4.255	19.632

(*) = Lavoura e Fito-Extrativismo - de Janeiro a Junho
 Pecuária - de Janeiro a Novembro

FOITE: Dados Primários: CACEX, IBDF, DIPOA
 Elaboração : CEPA/SC.



SANTA CATARINA
MICRO REGIÕES HOMOGÊNEAS

Micro-Regiões Homogêneas de Santa Catarina

01.- Colonial de Joinville	(292)
02.- Litoral de Itajaí	(293)
03.- Colonial de Blumenau	(294)
04.- Colonial de Itajaí Norte	(295)
05.- Colonial do Alto Itajaí	(296)
06.- Florianópolis	(297)
07.- Colonial Serrano Catarinense	(298)
08.- Litoral de Laguna	(299)
09.- Carbonífera	(300)
10.- Litoral Sul Catarinense	(301)
11.- Colonial Sul Catarinense	(302)
12.- Campos de Lages	(303)
13.- Campos de Curitibanos	(304)
14.- Colonial do Rio do Peixe	(305)
15.- Colonial do Oeste Catarinense	(306)
16.- Planalto de Canoinhas	(307)

II - PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DAS PRINCIPAIS CULTURAS
E CRIAÇÕES DO ESTADO

1.- Milho

É cultivado em todo o Estado, embora sua produção esteja concentrada em cerca de 80% nas regiões do Oeste e Vale do Rio do Peixe.

Cerca de 166 mil agricultores dedicam-se a esta cultura.

A utilização de áreas mecanizáveis para o cultivo do produto, a adoção de tecnologia com o consequente aumento da produtividade, são fatores que contribuem para o incremento na produção.

O quadro a seguir mostra a evolução da produção estadual de milho, no período 1970/1976, bem como a estimativa da safra 1976/77.

Área, Rendimento e Produção de Milho
Santa Catarina - 1970/77

S A F R A	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	Ton.	ÍNDICE
. 1969/70	563.604	100	1.919	100	1.081.556	100
. 1970/71	706.077	125,3	1.740	90,7	1.228.573	113,6
. 1971/72	695.593	123,4	1.770	92,2	1.231.119	113,8
. 1972/73	800.142	142,0	1.950	101,6	1.560.276	144,3
. 1973/74	936.320	166,1	2.369	123,4	2.218.100	205,1
. 1974/75	942.400	167,2	2.253	117,4	2.123.000	196,3
. 1975/76	(1.005.274)	178,4	2.440	127,1	(2.452.627)	226,8
. 1976/77 (*)	1.044.600	185,3	2.426	126,4	2.534.200	234,3

FONTE: IBGE - SAA - SUPLAN - GCEA

(*) = Projeção - CEPA / SC

2.- Mandioca

Apesar do acentuado declínio na cultura da mandioca nas últimas safras, em área e produção, Santa Catarina continua sendo o 3º produtor do País, com 8% da produção nacional.

Cultivada em todo o Estado, a mandioca tem importância maior no Vale do Itajaí e no Litoral, especialmente no Sul do Estado, onde 10.000 famílias rurais se dedicam a essa cultura.

No Vale do Itajaí, onde se concentram as fecularias, a raiz da mandioca é transformada em fécula, subproduto de alto valor, procurado pelo mercado internacional (indústrias alimentícias dos Estados Unidos e do Canadá) e nacional (indústrias têxteis, alimentícias e de papel).

A mandioca, no Litoral e Sul Catarinense, é beneficiada para a produção de farinha industrial e comestível. A farinha industrial é utilizada na composição de rações, sendo exportada esporadicamente para os Países do Mercado Comum Europeu. A farinha comestível destina-se ao mercado interno.

Segue o quadro com a evolução da área, rendimento e produção, no período 1970/75 e estimativas para as safras 1975/76 e 1976/77.

Área, Rendimento e Produção da Mandioca
Santa Catarina - 1970/77

S A F R A	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	Ton.	ÍNDICE
. 1969/70	142.816	100	21.127	100	3.017.273	100
. 1970/71	(155.431)	108,8	19.721	93,3	3.065.254	101,6
. 1971/72	152.585	106,8	18.345	86,8	2.799.171	92,8
. 1972/73	161.708	113,2	14.210	67,2	2.297.870	76,2
. 1973/74	142.174	99,6	14.969	70,8	2.128.200	70,5
. 1974/75	123.550	86,5	15.000	71,0	1.853.300	61,4
. 1975/76 (*)	86.846	60,8	16.648	78,8	1.429.200	47,4
. 1976/77 (*)	111.437	78,0	16.648	78,8	1.855.200	61,5

FONTE: IBGE - SAA - SUPLAN - GCEA

(*) = Estimativa - CEPA/SC.

3.- Fumo

Cultura típica de pequenas propriedades em virtude da exigência de mão-de-obra abundante, o fumo cultivado em Santa Catarina é atividade ligada à indústria.

As companhias manufatureiras prestam assistência técnica e creditícia aos agricultores, fornecendo inclusive os insumos necessários. A compra do fumo é assegurada mediante contrato.

O quadro que segue mostra o comportamento desta cultura no período 1970/76, bem como a estimativa para a safra 76/77.

Área, Rendimento e Produção do Fumo
Santa Catarina - 1970/77

S A F R A	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	Ton.	ÍNDICE
. 1969/70	32.879	100	1.528	100	50.239	100
. 1970/71	34.905	106,16	1.549	101,4	54.067	107,6
. 1971/72	35.980	109,43	1.485	97,2	53.430	106,4
. 1972/73	34.727	105,62	1.377	90,1	47.819	95,2
. 1973/74	43.151	131,24	1.635	107,0	70.600	140,5
. 1974/75	49.000	149,03	1.603	104,9	78.600	156,4
. 1975/76	75.760	230,42	1.205	78,9	91.304	181,7
. 1976/77 (*)	111.035	337,70	1.468	96,1	163.000	324,4

FONTE: IBGE - SAA - SUPIAN - GCEA

(*) = Estimativa - CEPA/SC.

4.- Arroz

Ocupando lugar de destaque na produção agrícola estadual, o arroz é cultivado com irrigação no Sul do Estado, Vale do Itajaí e Litoral Norte, responsáveis por 85% do volume produzido, enquanto que os demais 15%, são representados por lavoura de sequeiro. Observa-se, todavia, que na safra 75/76, a área plantada com arroz de sequeiro foi superior àquela cultivada com arroz irrigado, principalmente no Noroeste do Estado, em substituição de áreas cultivadas anteriormente com soja que foram ocupadas pela cultura do arroz em consequência do ataque de Rizoctonia Solani na safra anterior.

A área ocupada com arroz irrigado tem-se mantido estável devido as limitações de água disponível.

Entre os fatores limitantes ao aumento da produtividade, encontram-se os deficientes sistemas de irrigação, que na maioria das vezes não dependem apenas do produtor, mas de obras de maior vulto, que viariam a beneficiar a um maior grupo de orizicultores.

O quadro que segue identifica o comportamento da cultura, no período 1970/76, mostrando a estimativa para a safra 76/77.

Área, Rendimento e Produção do Arroz
Santa Catarina - 1970/77

S A F R A	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	Ton.	ÍNDICE
. 1969/70	86.128	100	2.486	100	214.114	100
. 1970/71	97.222	112,9	2.138	86,0	207.860	97,1
. 1971/72	101.896	118,3	2.131	85,7	217.140	101,4
. 1972/73	107.184	124,4	2.074	83,4	222.299	103,8
. 1973/74	101.576	117,9	2.279	91,7	231.400	108,1
. 1974/75	124.975	145,1	2.342	94,2	292.700	136,7
. 1975/76	153.593	178,3	-	-	318.283	148,7
. 1976/77 (*)	148.233	172,1	2.349	94,5	348.200	162,6
1975/76 :						
. Irrigado	75.231		2.482		185.754	
. Sequeiro	78.362		1.678		131.529	

FONTE: SAA - GCEA

(*) = Estimativa - CEPA/SC.

5.- Feijão

Cultivado em todo o Estado, as regiões Oeste e Norte são as maiores produtoras, contribuindo com 66% da produção estadual.

Além das variações climáticas, contribuem para os baixos rendimentos apresentados pela cultura, a tecnologia utilizada que, com poucas exceções, é rudimentar.

O mercado consumidor do feijão catarinense é representado pelo Rio de Janeiro e São Paulo, onde a preferência pelo feijão preto coincide com o tipo aqui produzido.

O quadro seguinte fornece dados estatísticos sobre área, rendimento e produção da cultura em foco, referente ao período 1970/76, com estimativa para a sa fra 1976/77.

Quadro nº 12

Área, Rendimento e Produção do Feijão
Santa Catarina - 1970/77

S A F R A	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	Ton.	ÍNDICE
. 1969/70	112.351	100	886	100	99.542	100
. 1970/71	159.023	141,5	587	66,2	93.246	93,8
. 1971/72	155.143	138,1	677	76,4	105.031	105,5
. 1972/73	126.450	112,6	725	81,8	91.682	92,1
. 1973/74	173.466	154,4	737	83,2	127.900	128,5
. 1974/75	185.065	164,7	915	103,3	169.300	170,1
. 1975/76	158.025	140,7	626	70,7	98.965	99,4
. 1976/77 (*)	187.500	166,9	890	100,4	166.870	167,6

FONTE: SAA - IBGE - GCEA - SUPLAN

(*) = Estimativa - CEPA/SC.

6.- Trigo

A cultura do trigo, tradicional em nosso Estado, é feita principalmente em pequenas propriedades, como lavoura de subsistência e em algumas áreas maiores onde existem condições de mecanização, sendo cultivado em sucessão com a soja.

As condições climáticas reinantes nas regiões produtoras do Estado, durante o ciclo biológico do trigo, não têm sido favoráveis para esta cultura e no período considerado de 1970/75, a produtividade média mais elevada obtida foi de apenas 868 kg/ha, na safra 1972/73.

A evolução desta cultura está retratada no quadro que segue.

Quadro nº 13

Área, Rendimento e Produção do Trigo
Santa Catarina - 1970/76

S A F R A	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	ha.	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	Ton.	ÍNDICE
. 1969/70	119.434	100	772	100	92.203	100
. 1970/71	116.302	97,4	672	87,0	78.154	84,8
. 1971/72	121.500	101,7	510	66,1	61.965	67,2
. 1972/73	71.950	60,2	768	99,5	55.250	60,0
. 1973/74	99.100	83,0	816	105,7	80.820	87,7
. 1974/75	67.776	56,7	450	58,3	30.484	33,1
. 1975/76	40.851	34,2	822	106,5	33.572	36,4

FONTE: SAA - GCEA .

7.- Batatinha

Cultivada em todo o Estado como lavoura de subsistência, a cultura da batatinha encontra, no entanto, condições favoráveis para ser desenvolvida com objetivos comerciais na região Norte, na região dos Campos de Lages e em alguns municípios do Litoral catarinense.

Santa Catarina é um dos maiores produtores nacionais de batata-semente certificada e no município de Canoinhas, na região Norte do Estado, está localizado um complexo (em fase de instalação) com laboratório, frigorífico e centro de treinamento, visando aprimorar a geração de tecnologia para a produção de batata-semente.

O quadro que segue identifica o comportamento da cultura no período 1970/76, bem como a estimativa da safra 1976/77

Área, Rendimento e Produção da Batatinha
Santa Catarina - 1970/77

S A F R A	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	Ton.	ÍNDICE
. 1969/70	25.625	100	6.697	100	171.610,	100
. 1970/71	18.545	72,4	6.629	99,0	122.934	71,6
. 1971/72	18.665	72,8	6.066	90,6	113.221	60,0
. 1972/73	17.317	67,6	6.790	101,4	117.582	68,5
. 1973/74	18.349	71,6	7.737	115,5	141.980	82,7
. 1974/75	24.000	93,6	7.330	109,5	175.910	102,5
. 1975/76	17.984	70,2	7.844	117,1	141.065	82,2
. 1976/77 (*)	24.000	93,6	7.800	116,5	187.200	109,1

FONTE: IBGE - SAA - SUPLAN - GCEA

(*) = Projeção CEPA/SC.

8.- Cana-de-Açúcar

A lavoura canavieira, desenvolvida no Litoral Centro-Norte Catarinense, consiste numa atividade ligada à indústria açucareira instalada no Estado. Cerca de 4 mil famílias têm na cultura da cana sua principal fonte de renda.

A produção da região atingiu cerca de 620.000 toneladas na safra 74/75. Esta produção foi quase que toda industrializada pelas usinas de açúcar e, pequena parte, por alambiques de aguardente existentes na área.

As lavouras de maior extensão, de propriedade das usinas, utilizam a colheita mecânica, enquanto que os fornecedores ainda se valem da colheita manual.

O quadro a seguir demonstra a evolução desta cultura no período 1970/76, bem como a estimativa para a safra 76/77.

Área, Rendimento e produção da cana-de-açúcar
Santa Catarina - 1970/77

S A F R A	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO (*)	
	ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	Ton.	ÍNDICE
• 1969/70	35.060	100	40.744	100	1.428.484	100
• 1970/71	33.313	95,0	42.285	103,8	1.408.640	98,6
• 1971/72	31.871	91,0	42.437	104,2	1.352.509	94,7
• 1972/73	25.331	72,2	37.469	92,0	949.127	66,4
• 1973/74	13.980	39,9	39.994	98,2	559.130	39,1
• 1974/75	15.500	44,2	40.000	98,2	620.000	43,4
• 1975/76	14.751	42,0	56.853	139,5	838.637	58,7
• 1976/77 (*)	23.000	65,6	40.000	98,2	920.000	64,4

(*) = 1970 - 1973 - Considerou-se a produção forrageira e industrial
1974 - 1977 - Considerou-se somente a produção industrial

FONTE: IBGE - USINAS e I.A.A.

(**) = Estimativa - I.A.A. e USINAS.

9.- Soja

Cerca de 62.200 produtores rurais dedicam-se ao cultivo desta leguminosa, explorada em pequenas e grandes propriedades.

Ao redor de 90% da produção procede do Vale do Rio do Peixe e Oeste.

Na safra 1975/76 houve redução no plantio, em virtude do ataque de "rizoctoniose" em certas regiões, na safra anterior.

Através de uma análise do quadro que segue, obtém-se uma visão da evolução da cultura no período 1970/76 e da estimativa, para a safra 1976/77.

Quadro nº 16

Área, Rendimento e Produção de Soja
Santa Catarina - 1970/77

S A F R A	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	Ton.	ÍNDICE
. 1969/70	65.956	100	800	100	52.998	100
. 1970/71	101.694	154,2	760	95,0	77.376	146,0
. 1971/72	115.930	175,8	857	107,1	99.448	187,6
. 1972/73	202.000	306,3	1.287	160,9	260.000	490,6
. 1973/74	364.985	553,4	1.183	147,9	431.850	799,8
. 1974/75	361.475	548,1	1.292	161,5	467.200	881,5
. 1975/76	339.370	514,5	1.208	151,0	409.885	773,4
. 1976/77 (*)	388.083	588,4	1.200	150,0	465.700	878,7

FONTES: SAA - GCEA

(*) = Estimativa - CIEPA/SC.

10.- Fruticultura

O Estado de Santa Catarina apresenta condições favoráveis para o cultivo de frutas de clima tropical e temperado.

A fruticultura de clima tropical é desenvolvida atualmente em toda a faixa litorânea, Vale do Itajaí e Nordeste do Estado, através do Projeto de Fruticultura de Clima Tropical, enquanto que a de Clima Temperado é explorada nas regiões fisiográficas do Planalto de Lages e Vale do Rio do Peixe, através do Projeto de Fruticultura de Clima Temperado (PROFIT).

Na área do PROFIT a evolução dos plantios apresenta o seguinte quadro:

Evolução dos Plantios de Frutíferas de Clima Temperado - Santa Catarina - 1970/77

ESPECIFICAÇÃO	1969/70	1970/71	1971/72	1972/73	1973/74	1974/75	1975/76 (*)	1975/77 (*)
Área total implantada (ha)	802	1.571	2.311	3.208	3.959	4.797	6.847	8.057
Número de Unidades Produtoras	226	398	535	650	670	756	-	-
Área implantada com macieira (ha)	265	555	797	1.375	1.965	2.668	4.518	5.518

Fonte: PROFIT - Projeto de Fruticultura de Clima Temperado.

(*) = Estimativa - PROFIT.

As produções deverão crescer significativamente a cada safra. Quando os pomares atuais atingirem sua estabilidade produtora, prevista para a safra 1982/83, estima-se uma produção de 114.000 toneladas de frutas, sendo que deste total, 64.000 toneladas serão representadas pela maçã.

O quadro que segue mostra a produção de frutas de clima temperado nas safras 73/74, 74/75 e as estimativas das safras 75/76 e 76/77.

Quadro nº 18

Produção de Frutas de Clima Temperado (*)
Santa Catarina - 1974/77

(toneladas)

S A F R A	MAÇÃ	PÊSSEGO	NECTARINA	AMEIXA	UVA VINÍFERA
. 1973/74	1.528	600	1.147	615	693
. 1974/75	5.000	1.100	1.000	100 (**)	1.000
. 1975/76 (***)	10.000	2.000	2.500	500	1.500
. 1976/77 (***)	17.800	3.000	5.000	1.700	2.000

FONTE: PROFIT - Projeto de Fruticultura de Clima Temperado.

(*) - Considerando-se os plantios já efetuados.

(**) - Ocorrência de geadas, dificuldade de polinização e queda das flores.

(***) - Estimativa - PROFIT.

O Projeto de Fruticultura de Clima Tropical engloba as culturas de citrus, abacaxi, abacate, banana e goiaba. Este Projeto está em fase de implantação, sendo que das frutíferas citadas, atualmente apenas a banana tem expressão econômica no Estado, e além desta, foram plantados até agora, o abacate e o limão.

No quadro que segue, verifica-se a evolução da área, rendimento e produção da banana no período 1970/75 e as estimativas para as safras 75/76 e 76/77.

Quadro nº 19

Área, rendimento e produção da Banana
- Santa Catarina - 1970/77.

SAFRA	ÁREA		RENDIMENTO		PRODUÇÃO	
	ha	ÍNDICE	kg/ha	ÍNDICE	Ton	ÍNDICE
. 1969/70 ..	7.285	100	12.957	100	94.392	100
. 1970/71 ..	7.836	107,6	14.252	110,0	111.680	118,3
. 1971/72 ..	8.508	116,8	13.946	107,6	118.656	125,7
. 1972/73 ..	12.926	177,4	10.400	86,3	134.432	142,4
. 1973/74 ..	13.056	179,2	13.679	105,6	178.600	189,2
. 1974/75 ..	11.690	160,5	14.046	108,4	164.200	174,0
. 1975/76* .	12.872	176,7	14.046	108,4	180.800	191,5
. 1976/77* .	14.632	200,8	13.600	105,0	199.000	210,8

FONTE: IBGE - SAA - SUPLAN - GCEA.

* Estimativa - CEPA/SC

11.- Suinocultura

Santa Catarina possui um efetivo suíno de 3,15 milhões de cabeças, alcançando em 1975, um desfrute da ordem de 68%.

O rebanho suíno concentra-se no Estado, nas regiões de maior produção de milho, ou seja, no Oeste Catarinense e no Vale do Rio do Peixe, também nestas regiões encontra-se a maior concentração de indústrias ligadas à suinocultura.

Além da produção para abate, a atividade de produção de reprodutores merece destaque. Existem no Estado cerca de 162 granjas de reprodutores.

Ao total de suínos abatidos para fins industriais, deve-se adicionar os animais abatidos nas propriedades agrícolas, além daqueles que saem vivos para outros Estados, principalmente para o Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

Existem cerca de 164.000 estabelecimentos suínícolas em Santa Catarina, sendo que 50.000 famílias têm nessa atividade sua principal fonte de renda, enquanto que no setor industrial dezesseis frigoríficos dependem do fornecimento da matéria-prima produzida no Estado.

O quadro seguinte traduz a evolução do abate e produção de suínos no período 1970/75, juntamente com as estimativas para 1976 e 1977.

Quadro nº 20

Abate e produção de suínos no Estado de Santa Catarina - 1970/77

A N O	A B A T E		P R O D U Ç Ã O	
	NÚMERO DE CABEÇAS	ÍNDICE	TONELADAS	ÍNDICE
. 1970	1.261.000	100	77.884	100
. 1971	1.387.760	110,0	79.380	101,9
. 1972	1.545.460	122,6	88.400	113,5
. 1973	1.734.700	137,6	99.225	127,4
. 1974	2.050.000	102,6	117.265	150,6
. 1975	2.144.720	170,1	122.677	157,5
. 1976 (*)	2.144.720	170,1	122.677	157,5
. 1977 (*)	2.144.720	170,1	122.677	157,5

FONTE: DIPOA.

(*) = Estimativa - CEPA/SC.

Observação: Para se chegar à produção de carne considerou-se um rendimento de 57,2 kg por carcaça.

12.- Avicultura

Evoluindo de uma exploração de fundo de quintal para uma criação industrial, a avicultura levou o Estado, em poucos anos, a constituir-se um dos principais produtores brasileiros de frangos e perús para corte.

No momento atual as perspectivas são de crescimento para o setor avícola estadual. Novos investimentos estão sendo realizados no setor. De outra parte, novas perspectivas e oportunidades se abrem no campo da comercialização, incluindo inclusive a exportação, cujos primeiros passos já foram efetivados em 1975.

A evolução do abate e produção de frangos de corte no Estado, no período 1970/75 e estimativas para 1976 e 1977, podem ser analisadas no quadro que segue:

Quadro nº 21

Abate e produção de Frangos de Corte no
Estado de Santa Catarina - 1970/77

A N O	A B A T E		P R O D U Ç Ã O (*)	
	Nº DE CABEÇAS	ÍNDICE	TONELADAS	ÍNDICE
1970	3.321.986	100	4.650	100
1971	5.779.140	174,0	8.091	174,0
1972	9.436.521	284,1	13.211	284,1
1973	15.586.763	469,2	21.821	469,3
1974	26.517.809	798,2	37.125	798,4
1975	49.686.513	1.495,7	69.561	1.495,7
1976 (**)	60.000.000	1.806,1	84.000	1.806,1
1977 (**)	70.000.000	2.107,1	98.000	2.107,1

FONTE: DIPOA, Indústrias Frigoríficas.

(*) = Considera-se que o peso médio por carcaça é 1,40 kg.

(**) = Projeções - CEPA/SC.

13.- Gado Leiteiro

Em Santa Catarina, a produção leiteira concentra-se nas áreas do Litoral Norte, Alto e Baixo Vale do Itajaí, Grande Florianópolis e Lages.

Os índices de produtividade da pecuária leiteira são muito baixos, devido ao manejo inadequado, alimentação deficiente, precário estado sanitário, onde a ocorrência de endo e ectoparasitas, de doenças cárricas e da esfera reprodutiva, provocam baixos índices de fertilidade e natalidade.

A produção de leite por vaca no Estado está entre 3 a 4 litros diários, em média.

Segue o quadro que registra a produção de leite no período 1970/75, com estimativas para os anos de 1976 e 1977.

Quadro nº 22

Produção de Leite em
Santa Catarina - 1971/77

A N O	Nº TOTAL DE VACAS	Nº VACAS EM LACTAÇÃO	PRODUÇÃO (1.000 l)	ÍNDICE
. 1971 (*)	682.104	306.947	435.818	100,0
. 1972 (*)	678.710	305.419	433.649	99,5
. 1973 (*)	683.397	307.529	436.645	100,2
. 1974 (*)	693.455	312.055	443.071	101,7
. 1975 (**)	721.274	324.573	461.764	105,9
. 1976 (**)	747.673	336.453	497.461	114,1
. 1977 (**)	775.000	348.800	535.918	123,0

FONTE: GECOFA.

14.- Gado de Corte

O rebanho bovino de corte está distribuído em todo o Estado, com maior concentração nas regiões do Planalto e Norte.

Salienta-se outrossim, que Santa Catarina não é auto-suficiente em carne, apresentando para 1976 um déficit de 19.000 toneladas, ocasionando a entrada de animais de outros Estados, principalmente do Paraná e Rio Grande do Sul.

O desfrute médio do rebanho é de 11%, considerado baixo se comparado com outras regiões do Brasil.

A seguir, um quadro demonstrativo do comportamento da produção de bovinos para abate, no período 1970/75, com estimativas para 1976 e 1977.

Quadro nº 23

Efetivo do Rebanho e Produção de Bovinos para Abate no
Estado de Santa Catarina - 1970/77

A N O	R E B A N H O		A B A T E (*)		P R O D U Ç Ã O (**)	
	Nº DE CABEÇAS	ÍNDICE	Nº DE CABEÇAS	ÍNDICE	TONELADAS	ÍNDICE
1970	1.963.118	100	215.942	100	47.507	100
1971	2.003.449	102,0	220.380	102,0	48.483	102,0
1972	2.105.220	107,2	231.574	107,2	50.946	107,2
1973	2.100.253	107,0	231.028	107,0	50.826	107,0
1974	2.131.333	108,6	234.447	108,6	51.578	108,6
1975	2.235.847	113,9	245.943	113,9	54.107	113,9
1976 (***)	2.257.000	115,0	248.270	115,0	54.619	115,0
1977 (***)	2.280.787	116,2	250.887	116,2	55.195	116,2

FONTE: IBGE, GECOPA

(*) = ABATE - Para se reconhecer o nº de cabeças de bovinos para abate, considerou-se um desfrute de 11%.

(**) = PRODUÇÃO - Para calcular a produção de carne bovina no Estado de Santa Catarina, levou-se em consideração que o peso médio por carcaça é de 220 kg.

(***) = Estimativas - CEPA/SC.

III - BALANÇO DE PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS
PRODUTOS

Metodologia

A elaboração dos quadros de Balanço de Produção e Utilização dos Principais Produtos foi baseada nos dados estatísticos de produção (confirmados para 1975 e estimados para 1976) fornecidos pelo GCEA - Grupo de Coordenação de Estatísticas Agropecuárias. Para o ano de 1977 foram feitas estimativas baseadas em informações de uma plêiade de técnicos e pessoas ligadas direta e especificamente a cada lavoura ou criação em estudo. Este pessoal consultado pertence ao serviço de extensão e assistência técnica, a firmas particulares de planejamento e assistência técnica, a serviços de fomento e departamento técnicos agrícolas de indústrias, a associações de criadores e a órgãos do setor público agrícola.

Os coeficientes de perdas usados, foram igualmente obtidos através de consultas a vários técnicos e nelas baseados, foram montados os quadros nºs 24, 25 e 26 deste trabalho.

O consumo animal foi baseado nas necessidades dos rebanhos existentes (1975) e estimados (1976 e 1977), das espécies presentes no Estado, levando sempre em consideração, a forma predominante de alimentação usada no território catarinense.

Para o consumo humano, foram usados os seguintes coeficientes:

. Milho	17,6 kg/hab/ano
. Trigo	43,6 kg/hab/ano
. Feijão	28,0 kg/hab/ano
. Arroz (com casca)	70,0 kg/hab/ano
. Batatinha	11,0 kg/hab/ano
. Mandioca	124,6 kg/hab/ano

. Carne Bovina	23,0 kg/hab/ano
. Carne Suína	11,5 kg/hab/ano
. Carne Frango	4,0 kg/hab/ano
. Banana	25,4 kg/hab/ano
. Leite	94,0 litros/hab/ano

O consumo industrial, por sua vez, foi obtido através de contatos com as indústrias.

Para o cálculo da reserva de sementes, foram usados os seguintes coeficientes técnicos (quantidades correntemente usadas no Estado):

. Milho	18 kg/ha
. Soja	70 kg/ha
. Trigo	90 kg/ha
. Feijão	60 kg/ha
. Cana-de-Açúcar (renovação de 1/5 da área a cada ano)	8 t/ha
. Arroz	100 kg/ha
. Batatinha	1.000 kg/ha

Nos anos de 1975 e 1976 o leite está registrado na unidade "litro", enquanto que no ano de 1977 está em toneladas. Nos dados de produção de 1975 e 1976, foi subtraída a produção de leite destinada à alimentação dos bezerros, enquanto que no dado de 1977 já está incluída a parcela para o citado fim.

Balanco de Produção e Utilização dos Principais Produtos - Santa Catarina - 1975

P R O D U T O	PRODUÇÃO	PERDAS	C O N S U M O				RESERVAS SECURITAS PRÓXIMO ANO	SALDO
			ANIMAL	HUMANO	INDUSTRIAL E/OU OUTROS	TOTAL		
. Milho	2.123.000	244.000	1.200.000	37.500	300.000	1.537.500	18.180	323.320
. Mandioca	1.852.300	18.540	900.000	413.670	521.090	1.834.760	-	-
. Fumo	78.600	3.930	-	-	74.670	74.670	-	-
. Arroz	292.700	29.270	-	232.400	-	232.400	12.500	18.530
. Feijão	159.300	16.930	-	89.640	-	89.640	10.230	52.500
. Trigo	30.500	2.135	-	166.000	-	166.000	8.100	146.000
. Batata Inglesa ..	176.600	17.660	-	54.440	-	56.440	24.000	78.500
. Cana de açúcar In dustrial	620.000	18.600	-	-	576.600	576.600	24.800	-
. Soja	467.200	46.720	326.000	-	250.000	576.000	24.000	179.520
. Banana	164.200	16.420	-	53.120	-	53.120	-	94.660
. Uva	23.800	-	-	1.660	21.140	22.800	-	1.000
. Ameixa	100	-	-	100	-	-	-	-
. Maçã	5.000	-	-	6.300	-	-	-	1.300
. Pêssego+Nectarina	2.100	-	-	1.860	-	-	-	4420
. Bovinos	54.100	-	-	73.000	-	73.000	-	16.900
. Suínos	117.600	-	-	38.180	-	38.180	-	79.420
. Aves	70.000	-	-	8.630	-	8.630	-	61.370
. Leite (litros)...	356.475.000	-	-	356.475.000	-	356.475.000	-	-

FONTE: GCEA - CERPA/SC

Balço de Produção e Utilização dos Principais Produtos - Santa Catarina - 1976

P R O D U T O	PRODUÇÃO ton.	PERDAS	C O N S U M O (Ton)				RESERVA DE SEMENTE P/ PRÓXIMO ANO	DÉFICIT OU SUPERAVIT
			ANIMAL	HUMANO	INDUSTRIAL E/OU OUTROS	TOTAL		
• Milho	2.450.700	281.830	1.100.000	60.130	300.000	1.460.130	18.800	689.940
• Mandioca	1.429.200	14.292	489.325	425.583	500.000	1.414.908	-	-
• Fumo	105.568	5.278	-	-	100.290	100.290	-	-
• Arroz	346.600	34.660	-	239.000	-	239.000	14.800	58.140
• Feijão	139.000	13.900	-	92.250	-	92.250	11.250	21.600
• Trigo	81.000	5.670	-	170.800	-	170.800	8.180	101.970
• Batatinha	168.500	16.850	-	58.081	-	58.081	24.000	69.570
• Cana de açúcar Industrial	680.000	20.400	-	-	632.300	632.300	27.300	-
• Soja	443.500	44.350	337.000	-	250.000	587.000	27.200	- 215.050
• Banana	108.800	18.080	-	54.670	-	54.670	-	108.060
• Uva	26.500	-	-	1.700	23.800	25.500	-	1.000
• Ameixa	500	-	-	310	-	500	-	190
• Maçã	10.000	-	-	6.500	-	6.500	-	3.500
• Pêssego+Nectarina	4.500	-	-	1.700	-	1.700	-	2.800
• Bovinos	54.600	-	-	75.000	-	75.000	-	- 20.400
• Suínos	124.500	-	-	39.000	-	39.000	-	85.500
• Aves	84.000	-	-	8.900	-	8.900	-	75.100
• Leite (litros)...	376.475.000	-	-	376.450.000	-	376.450.000	-	-

FONTE: GCEA - CEPA/SC

Balanco de Produção e Utilização dos Principais Produtos - Santa Catarina - 1977

P R O D U T O	PRODUÇÃO	PERDAS	C O N S U M O			RESERVAS SEMENTES OU PRÓXIMO ANO	DÉFICIT OU SUPERAVIT	
			ANIMAL	HUMANO	INDUSTRIA E/OU OUTROS			TOTAL
Milho	2.534.200	290.000	1.200.000	40.000	300.000	1.540.000	18.800	685.400
Mandioca	1.855.280	18.552	500.000	438.044	498.604	1.836.648	-	-
Fumo	163.000	-	-	-	163.000	163.000	-	-
Arroz	348.200	34.820	-	247.000	-	247.000	18.000	48.380
Feijão	166.870	16.680	-	94.920	-	94.920	11.250	44.020
Trigo	100.000	7.000	-	175.780	-	175.780	11.100	93.880
Batatinha	187.200	18.700	-	59.765	-	59.765	24.000	84.735
Cana de açúcar In dustrial	920.000	27.600	-	-	855.400	855.400	37.000	-
Soja	465.700	46.570	350.000	-	250.000	600.000	27.200	208.070
Banana	199.000	19.900	-	55.730	-	55.730	-	123.370
Uva	27.000	-	-	2.000	24.000	26.000	-	1.000
Ameixa	1.700	-	-	340	-	340	-	1.360
Maçã	17.800	-	-	6.630	-	6.630	-	11.170
Pêssego+Nectarina	8.000	-	-	1.600	-	1.600	-	6.400
Bovinos	55.000	-	-	77.000	-	77.000	-	22.000
Suínos	155.500	-	-	40.600	-	40.600	-	74.400
Aves	98.000	-	-	4.565	-	4.565	-	93.435
Leite (litros)...	571.000.000	-	176.500.000	379.876.000	14.661.000	571.000.000	-	-

FONTE: Projeções - CEPA/SC

Quadro nº 27

Coefficientes de Perdas - Santa Catarina

PRODUTO	C O E F I C I E N T E S				TOTALS (%)
	DEVIDAS À MANIPULAÇÃO PRIMÁRIA DO PRODUTO (% SOBRE PRODUÇÃO)	DEVIDAS À ESTOCAGEM (% SOBRE A QUANTIDADE DE ARMAZENADA)	DEVIDAS À MANIPULAÇÃO INTERMEDIÁRIA (% SOBRE SALDO LÍQUIDO)		
. Milho	1	10	0,5		11,5
. Mandioca ...	0,5	0,5	-		1
. Fumo	-	-	-		5
. Arroz	7	2	1		10
. Feijão	3	5	2		10
. Trigo	4	2	1		7
. Batatinha ..	3	5	2		10
. Cana de Açú- car	3	-	-		3
. Soja	7	2	1		10
. Banana	1	2	7		10

IV - DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

1.- Pesquisa e Experimentação

Em 1975 a EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias instituiu uma Representação Estadual que passou a coordenar toda a pesquisa agropecuária, além de providenciar as medidas necessárias para a implantação da EMPASC - Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária, fato que se verificou em 29 de outubro de 1975.

Com esta nova estruturação da pesquisa agrícola em Santa Catarina, os frutos dos trabalhos de pesquisa deverão surgir em curto espaço de tempo, oferecendo opções para os produtores auferirem maior rentabilidade em suas explorações.

Em 1975 foi também criado o Centro Nacional de Suinocultura, com sede em Concórdia e subordinado diretamente à EMBRAPA. A este Centro está afetada a geração de tecnologia para todo o país, no setor suinícola.

Os produtos atualmente pesquisados (em execução e programados) pela EMPASC são: milho, mandioca, fruticultura, soja, feijão, trigo, arroz e bovinos. A pesquisa em suínos é, como já foi afirmado anteriormente, executada pela EMBRAPA.

Os trabalhos de pesquisa com a cana-de-açúcar está a cargo do Instituto do Açúcar e do Alcool, através do PLANALSUCAR.

2.- Insumos Modernos e Material Agropecuário

A distribuição de insumos para a agropecuária é realizada pela iniciativa privada.

Cooperativas Agropecuárias, firmas particulares, sindicatos rurais e de trabalhadores rurais, bem como associações rurais, compõem a rede que abastece todo o interior do Estado. Ao setor público agrícola cabe desempenhar o papel de órgão fiscalizador da produção e comercialização, atentando de forma especial à qualidade do produto ofertado.

Para uma melhor análise do instrumento, enfocamos separadamente a utilização dos seguintes insumos modernos.

2.1- Fertilizantes e Corretivos

A utilização de corretivos e fertilizantes tem sofrido um impulso nos últimos anos, principalmente após a instituição do Fundo de Estímulo à Produtividade (FEPRO), através do qual o Governo subsidia o frete dos citados insumos.

A correção dos solos através do uso de fertilizantes e calcário tem sido conduzida através de análises de solos e o processo recebe a orientação técnica do Serviço de Extensão Rural.

A evolução do trabalho de correção da fertilidade do solo em Santa Catarina tem registrado os dados conforme demonstra o quadro a seguir:

Quadro nº 28

Evolução do uso de calcáreo, adubo corretivo e área corrigida
 Santa Catarina - 1970/75

ESPECIFICAÇÃO	A N O S						TOTAL
	1970	1971	1972	1973	1974	1975	
. Área Corrigida	4.490	33.000	38.300	41.208	51.000	46.000	213.998
. Quantidade de Calcáreo Utilizado (ton.).	22.460	168.796	172.000	253.316	270.000	300.000	1.186.512
. Quantidade de Fertilizantes utilizados para correção da fertilidade dos solos (ton.) - (*)	12.307	12.535	26.000	44.080	51.000	69.000	214.922

FONTE: Secretaria da Agricultura e Abastecimento

ACARESC

(*) - Refere-se ao fertilizante utilizado para correção de solo, e não ao usado em adubações anuais.

Estima-se que cerca de 12% da área cultivada do Estado tenha sido corrigida com o uso de calcário e adubo de correção.

2.2- Defensivos Agrícolas

Os índices de utilização de práticas fitossanitárias no Estado, são ainda baixos, notando-se contudo, uma crescente procura de material de defesa agrícola, motivada pela difusão de medidas fitossanitárias.

2.3.- Insumos Modernos na Pecuária

2.3.1.- Rações e Concentrados

Existem no Estado onze (11) indústrias ligadas à produção de concentrados, rações e ingredientes para a alimentação animal.

Na avicultura e na suinocultura, o uso de concentrados e rações prontas é prática corrente no Estado, principalmente nas regiões onde as duas atividades adquirem maior expressão econômica e atingem maior grau de tecnificação (Oeste, Vale do Rio do Peixe e Sul do Estado).

Na bovinocultura, o uso de ração ou concentrado para elaboração de ração, fica restrito a um pequeno rebanho leiteiro, sem atingir grande significação no consumo estadual total.

2.3.2.- Produtos Veterinários

A utilização de vacinas é uma prática plenamente adotada na avicultura industrial, sendo que o avicultor industrial, recebe toda a orientação técnica através das indústrias ligadas ao abate de frangos de corte.

Na suinocultura, as práticas sanitárias são restritas apenas aos produtores de matrizes (granjas registradas na ACCS) e a um pequeno número de criadores. As práticas sanitárias mais dotadas são a evermi

nação e vacinações contra a pneumoenterite dos leitões enquanto que a vacinação contra peste atinge apenas a 20% do rebanho.

Na bovinocultura, a única prática sanitária plenamente adotada é a vacinação contra a febre aftosa, fiscalizada através da Campanha de Combate à Febre Aftosa de Santa Catarina (CAFASC).

3.- Mecanização Agrícola

A topografia acidentada e o predomínio de minifúndios (83% das propriedades agrícolas) são fatores que dificultam a introdução da mecanização agrícola. Porém, se for considerada a área do Estado que apresenta reais condições de uso de máquinas e implementos, verifica-se que o número de tratores em relação à área mecanizável é bastante significativo.

Verifica-se, entretanto, que a maioria das máquinas agrícolas são utilizadas de maneira anti-econômica e sem os mínimos cuidados de conservação, observando-se que os operadores destas máquinas não possuem os mínimos conhecimentos da prática de conservação de solos, sendo poucos os conhecimentos de manejo de máquinas e implementos.

4.- Sementes e Mudanças Seleccionadas

A baixa produtividade por unidade de área, tem sido uma das características na maioria das culturas exploradas no Estado. Sabe-se que, o uso isolado de sementes melhoradas, independente da utilização de outros insumos, pode elevar a produtividade em 20%.

O programa de produção e utilização de sementes melhoradas em Santa Catarina desenvolve-se em ritmo crescente, conforme pode ser verificado no quadro seguinte:

Quadro nº 29

Produção de Sementes Melhoradas - Santa Catarina - 1972/75

A N O	MILHO		ARROZ		TRIGO		SOJA		BATATINHA	
	PRODUÇÃO	INDICE	PRODUÇÃO	INDICE	PRODUÇÃO	INDICE	PRODUÇÃO	INDICE	PRODUÇÃO	INDICE
. 1972	960	100	710	100	1.839	100	2.425	100	9.548	100
. 1973	1.548	161	758	106	2.307	125	5.390	222	12.300	128
. 1974	1.600	167	791	111	3.278	178	10.604	437	12.318	129
. 1975	2.400	250	2.100	295	1.048	57(*)	10.800	445	14.822	155

(*) = A queda na Produção de Sementes de Trigo no ano de 1975, está ligada a variações desfavoráveis de clima, o que comprometeu toda a produção do cereal.

FCNEE: CESM/SC

Este programa desenvolve-se com a participação do Ministério da Agricultura (Grupo Executivo de Produção Vegetal - GEPV), Secretaria da Agricultura e Abastecimento, Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias e entidades privadas, notadamente cooperativas, orientadas e fiscalizadas pela Comissão Estadual de Sementes e Mudas (CESM/SC).

Com referência a utilização de mudas de frutíferas, sabe-se que o fornecimento ao fruticultor é realizado por estabelecimentos especializados na produção ou obtidos através de importações, realizadas através dos Projetos de Fruticultura da Secretaria da Agricultura.

O quadro a seguir apresenta a quantidade de sementes e mudas utilizadas em 1975 e a previsão para 1976 e 1977.

Utilização de Sementes e Mudas - Santa Catarina - 1975/76/77

P R O D U T O	1 9 7 5			1 9 7 6 (*)			1 9 7 7 (*)		
	SEMENTES (t) SELE CIONADAS	SEMENTES (t) COMUM	TOTAL (t)	SEMENTES (t) SELE CIONADAS	SEMENTES (t) COMUM	TOTAL (t)	SEMENTES (t) SELE CIONADAS	SEMENTES (t) COMUM	TOTAL (t)
	Milho	1.600	15.360	19.960	2.500	15.680	18.180	3.000	15.800
Arroz	791	10.849	11.640	2.000	10.500	12.500	2.000	12.800	14.800
Trigo	3.278	5.662	8.940	1.048	7.052	8.100	5.000	3.100	8.100
Soja	10.605	15.700	26.305	11.000	13.000	24.000	12.000	15.200	27.200
Mandioca	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Feijão	-	11.104	11.104	-	10.230	10.230	150	11.100	11.250
Cana de Açúcar	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Batatinha	12.318	15.205	27.523	14.822	9.178	24.000	14.822	9.178	24.000
Fumo	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Citrus	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Outras Frutas Clima	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Tropical (**)	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Maçã	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pêssego	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Nectarina	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ameixa	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Uva	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pêra	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL	28.592	73.880	102.478	34.370	65.640	97.010	36.972	67.178	104.150

OBS.: A Semente Seleccionada refere-se a produzida em Santa Catarina, não considerou-se a semente oriunda de outros Estados.

(**) = Abacaxi, Abacate e Banana.

(1) = Mudanças Seleccionadas, plantio orientado pelos Projetos de Fruticultura do Serviço de Extensão Rural.

FONTE: CFSM/SC

(*) = Estimativas - CEPA/SC

P R O D U T O	1 9 7 5	1 9 7 6 (*)	1 9 7 7 (*)
	MUDAS (1) (unidades)	MUDAS (1) (unidades)	MUDAS (1) (unidades)
Milho	-	-	-
Arroz	-	-	-
Trigo	-	-	-
Soja	-	-	-
Mandioca	-	-	-
Feijão	-	-	-
Canas de Açúcar	23.000	24.800	27.300
Batatinha	-	-	-
Fumo	-	-	-
Citrus	120.000	160.000	180.000
Outras Frutas Clima			
Tropical (**)	141.000	190.000	213.000
Maça	802.216	1.800.000	1.800.000
Pêssego	35.937	70.000	50.000
Nectarina	32.050	30.000	20.000
Ameixa	2.653	3.000	3.000
Uva	-	10.000	40.000
Pêra	1.895	3.000	20.000
TOTAL	1.158.751	2.290.800	2.353.300

OBS.: A Semente Selecionada refere-se a produzida em Santa Catarina, não considerou-se Semente oriunda de outros Estados.

(**) = Abacaxi, Abacate e Banana.

(1) = Mudas Selecionadas, plantio orientado pelos Projetos de Fruticultura do Serviço de Extensão Rural.

FONTE: CESP/SC

(*) = Estimativas - CEPA/SC

5.- Assistência Técnica

A assistência técnica ao produtor agrícola é realizada pelo Setor Público e por firmas particulares.

A extensão rural e assistência técnica oficial está sob a responsabilidade da Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (ACARESC), que vem atuando no Estado desde 1956 e conta atualmente com 159 escritórios municipais no interior, os quais têm área de ação sobre 172 municípios catarinenses.

Os trabalhos desenvolvidos pelo Serviço de Extensão Rural são voltados a projetos prioritários, visando atender as atividades de maior significado econômico e social para o Estado.

Os trabalhos são divididos em projetos, atendendo as seguintes atividades: milho, soja, feijão, trigo, cevada, cana-de-açúcar, arroz, olericultura, mandioca, fruticultura, gado de corte, gado leiteiro, suinocultura, cooperativismo, conservação de solos, capacitação de recursos humanos, juventude rural e educação sanitária e alimentar.

O serviço de fomento está a cargo da Secretaria da Agricultura e Abastecimento, responsável pelos programas de Defesa Sanitária Animal, Projeto Catarinense de Inseminação Artificial, Fundo Agropecuário, Projeto de Sementes e Mudanças e Projeto de Apicultura.

É muito representativo também, no Estado, o trabalho de assistência técnica realizado por firmas particulares, notadamente no que se refere a suinocultura e a avicultura industrial.

Os "Sistemas Integrados Produtor - Indústria" têm sido um fator de grande importância no desenvolvimento da avicultura e suinocultura. Os frigoríficos mantêm contratos com produtores de suínos e aves, através dos quais o produtor recebe toda a orientação técnica da indústria além de todo o insumo necessário à produção.

Existe ainda a assistência técnica levada por firmas especializadas em Planejamento e Assessoria Técnica, a um considerável número de médios e grandes produtores.

6.- Reprodutores e Matrizes

A pecuária de Santa Catarina tem na suinocultura, avicultura e bovinocultura, suas atividades de maior expressão econômica.

6.1.- Suinocultura

O processo de produção e comercialização de reprodutores é coordenado pela Associação Catarinense de Criadores de Suínos (ACCS), localizada no município de Concórdia e com núcleos regionais nos municípios de São Miguel d'Oeste, Chapecó, Xanxerê, Videira e Criciúma.

O fornecimento de reprodutores é realizado através de granjas especializadas, devidamente registradas e fiscalizadas pela ACCS.

O quadro a seguir registra a evolução do número destes estabelecimentos, nos últimos cinco anos.

Quadro nº 31

ESTABELECEMENTOS REGISTRADOS NO PIG BOOK BRASILEIRO - SC/1975

ANO	Nº DE GRANJAS	Nº DE CRIADEIRAS	MÉDIA DE CRIADEIRAS P/GRANJA
1970	130	1.700	13,0
1971	176	2.500	13,2
1972	199	3.000	15,0
1973	188	4.300	22,8
1974	137	6.747	49,2
1975	162	10.037	63,6

FONTE: ACCS - 1975.

O número de granjas registradas sofreu um declínio no período 72/74 devido a fiscalização exercida pela ACCS, que cancelou o registro de granjas que não preenchiam todos os requisitos técnicos preconizados pelo órgão, verificando-se, porém, um grande aumento do número de criadeiras por granja, demonstrando a tendência empresarial da exploração.

Procurando atender a crescente demanda interna, bem como a procura de reprodutores por outros estados, notou-se um grande aumento na produção, com uma sensível melhora da qualidade dos animais produzidos.

O quadro a seguir demonstra a evolução do número de reprodutores inscritos no PBB por Santa Catarina, no período 1970/75.

Quadro nº 32

REPRODUTORES INSCRITOS POR SANTA
CATARINA NO PIG BOOK BRASILEIRO
1970/1975

ANO	Nº DE REPRODUTORES REGISTRADOS
1970	1.756
1971	2.535
1972	6.938
1973	10.205
1974	15.260
1975	25.997

Os animais comercializados são de excelente qualidade e somente são liberados para venda após inspeção zootécnica realizada pela ACCS.

A exportação para outros estados, em 1975 significou uma arrecadação da ordem de Cr\$ 2.740.500,00.

O quadro a seguir registra as exportações de reprodutores suínos, para outros estados, em 1975.

Quadro nº 33

EXPORTAÇÃO DE REPRODUTORES PARA
OUTROS ESTADOS - SANTA CATARINA
1975

E S T A D O	Nº DE REPRODUTORES	VALOR
. Paraná	803	1.204.500,00
. São Paulo	479	718.500,00
. Rio Grande do Sul ..	166	249.000,00
. Ceará	88	132.000,00
. Minas Gerais	86	129.000,00
. Bahia	72	108.000,00
. Rio de Janeiro	67	100.500,00
. Alagoas	66	99.000,00
TOTAL	1.827	2.740.500,00

Fonte: ACCS - 1975.

Com o intuito de melhoramento genético do plantel, são feitas importações de animais de alto potencial genético, através da Secretaria da Agricultura e Abastecimento e Ministério da Agricultura, recebendo toda a assistência técnica e creditícia necessária.

A seguir registramos as importações realizadas nos últimos dois anos.

Quadro nº 34

IMPORTAÇÃO DE REPRODUTORES SUÍNOS
DE OUTROS PAÍSES - SANTA CATARINA
1974/75

RAÇA	SEXO	Nº ANIMAIS		PROCEDÊNCIA
		1974	1975	
. Duroc	Machos	16	39	USA
	Fêmeas	29	28	USA
. L. White ...	Machos	13	24	USA
	Fêmeas	14	18	USA
. Hampshire ..	Machos	1	3	USA
	Fêmeas	3	4	USA
TOTAL	-	76	92	-

FONTE: ACCS - 1975

É importante salientar ainda, que foi recentemente instalado no município de Concórdia o Centro Nacional de Inseminação Artificial de Suínos, que consiste numa iniciativa pioneira na América do Sul, devendo transformar-se num importante instrumento no melhoramento genético, substituindo gradativamente as importações de reprodutores.

6.2- Bovinocultura

Oitenta por cento do rebanho bovino do Estado é formado por animais mestiços, sendo os 20% restantes representados principalmente por animais das raças Charolesa, Normanda, Fleckvieh, Santa Gertrudis e Holandesa, distribuídos em pequenas propriedades.

O controle e o registro genealógico dos reprodutores bovinos é feito através da Associação Catarinense de Criadores de Bovinos (ACCB) que realiza também controle leiteiro em algumas granjas especializadas e controle do desenvolvimento ponderal em bovinos de corte.

Segue um quadro com número de bovinos registrados na ACCB até 1975.

Quadro nº 35

BOVINOS REGISTRADOS NA ACCB - 1975

R A Ç A	Nº BOVINOS REGISTRADOS	%
. Holandesa	4.161	28,78
. Jersey	1.182	8,18
. Flamengo	3.587	24,81
. Charolesa	1.928	13,34
. Devon	1.502	10,39
. Fleckvieh	228	1,58
. Tarentaise	15	0,10
. Normanda	503	3,47
. Hereford	276	1,91
. Red Poled	1.076	7,44
TOTAL	14.458	100

FONTE: ACCB - 1975

Dos animais inscritos, predomina o número de fêmeas, registrando-se animais puros de origem e puros por cruza.

Para melhorar a qualidade de rebanho, são feitas esporadicamente importações de animais de alta linhagem predominando as raças leiteiras (Holandesa e Fleckvieh), estando porém, em andamento trabalhos para importação de animais de raças de corte (Charolesa e Santa Gertrudis).

A Inseminação artificial tem sido introduzida através do Projeto Catarinense de Inseminação Artificial (PROCIA), programa resultante do convênio Secretaria e Ministério da Agricultura.

6.3.- Avicultura

A produção e comercialização de reprodutores está toda a cargo da iniciativa privada, sendo que a importação de matrizes do exterior (USA e Canadá), tem sido o expediente utilizado pelas indústrias.

O rebanho de matrizes de linhagens especializadas para corte está estimado em 600.000, esperando-se um acréscimo de 100 mil matrizes para 1977.

Na produção de ovos, o plantel ainda é pequeno, estimando-se em 100.000 o número de poedeiras, sendo que as matrizes também são importadas do exterior.

A exploração de perús para corte é realizada por uma única indústria que possui um plantel de 40.000 matrizes, com uma produção de 1 milhão de perús por ano, estimando-se um acréscimo na ordem de 20% em 1977.

V - INFRAESTRUTURA AGRÍCOLA

1.- Drenagem

O Litoral Catarinense, com grande potencial para a produção agrícola, apresenta entre os principais fatores limitantes para o desenvolvimento do setor, problemas de drenagem.

Cerca de 42% da população desta região vive no meio rural, ou seja, 465.000 habitantes, a tirar da pesca e da agricultura o seu sustento. No litoral são produzidos 64% da cana-de-açúcar, 52% do arroz e 38% da mandioca catarinense.

Da área litorânea, cerca de 200.000 hectares de terras agricultáveis permanecem inaproveitáveis devido a ausência de drenagem e proteção contra cheias.

Atualmente, os trabalhos de drenagem estão sendo executados no Estado, apenas pelo DNOS - Departamento Nacional de Obras e Saneamento que, além da finalidade de saneamento propriamente dito, proporciona a recuperação de grandes áreas agricultáveis.

A Secretaria da Agricultura e Abastecimento elaborou em novembro de 1975, o "Programa de Desenvolvimento Agroindustrial do Litoral Catarinense" (PRODALESC) onde, dentro de uma série de proposições para o desenvolvimento do Litoral Catarinense, destaca o projeto "Recuperação de Baixadas Alagadas".

2.- Eletrificação Rural

A Eletrificação Rural até abril de 1975 estava sob a responsabilidade das Centrais Elétricas de Santa Catarina S.A. (CELESC). Em maio do mesmo ano, entrou em funcionamento uma empresa de economia mista, a ERUSC - Eletrificação Rural de Santa Catarina S.A., criada pelo Governo Estadual e que ficou encarregada especificamente do programa de eletrificação rural do Estado.

Todos os trabalhos de Eletrificação Rural são executados com a participação das Cooperativas de Eletrificação Rural, tanto sob o ponto de vista físico como financeiro, sendo 80% dos recursos financeiros originários de organismos governamentais e 20% das cooperativas.

O quadro que segue informa as metas estabelecidas pelo órgão responsável pela Eletrificação Rural do Estado, para o período de 1975/77.

Eletrificação Rural - Metas - Santa Catarina - 1975/77

D I S C R I M I N A Ç Ã O	1 9 7 5		1 9 7 6		1 9 7 7		TOTAL-PROPRIEDA- DES-AREA-PROGRA- MADA
	Linhas de Transmis- são (Km)	Linhas ins- taladas - (Km) - (2)	Linhas de Transmis- são (Km)	Linhas ins- taladas - (Km) - (2)	Linhas de Transmis- são (Km)	Linhas ins- taladas - (Km) - (2)	
01. C.E.R. Esteves Júnior Ltda.	-	-	-	404	1.571	450	18.633
02. C.E.R. Vale do Itajaí Ltda.	-	-	-	1.284	5.429	1.588	41.956
03. C.E.R. Vale do Itapocu Ltda.	-	-	-	500	1.725	324	15.899
04. C.E.R. Planalto Norte Cat. Ltda.	-	-	-	295	1.239	269	13.965
05. C.E.R. Caçador Ltda.	-	-	-	827	2.371	812	20.974
06. C.E.R. Meio Oeste Catar. Ltda.	-	-	-	683	1.733	601	22.393
07. C.E.R. Vale do Chapéu Ltda.	-	-	-	335	1.290	977	23.973
08. C.E.R. Vale do Araçá Ltda.	-	-	-	76	348	355	4.185
09. C.E.R. São M. Oeste Ltda.	-	-	-	301	1.234	585	13.619
10. C.E.R. Rio Carvoas Ltda.	-	-	-	203	476	360	15.149
11. C.E.R. Serrana Ltda.	-	-	-	259	611	393	13.939
12. C.E.R. Praia Grande Ltda.	-	-	-	26	127	92	2.368
13. C.E.R. Sombrio Ltda.	-	-	-	19	77	129	2.385
14. C.E.R. Turvo Ltda.	-	-	-	125	520	186	8.883
15. C.E.R. Forquilha Ltda.	-	-	-	6	41	40	4.356
16. C.E.R. Cocal Ltda.	-	-	-	166	368	144	4.905
17. C.E.R. Içara Ltda.	-	-	-	54	335	68	4.155
18. C.E.R. Treze de maio Ltda.	-	-	-	23	126	213	1.833
19. C.E.R. Paulo Lopes Ltda.	-	-	-	126	574	310	11.770
20. C.E.R. Braço do Nor'e Ltda.	-	-	-	163	448	116	6.174
21. C.E.R. Armazém Ltda.	-	-	-	89	216	142	3.266
T O T A L	-	1.700	-	5.915	20.855	8.164	254.825

(1) = As metas foram estabelecidas pela ERUSC, para o período 1977/78.

(2) = Engloba o total das linhas (alta tensão + baixa tensão) + linhas de transmissão mista rural).
 Índice de participação das Propriedades Atingidas: 1975 - 0,061 1976 - 0,082 1977 - 0,102

FOYTE : ERUSC.

VI - COMERCIALIZAÇÃO E ABASTECIMENTO

1.- Comercialização e Abastecimento

Este instrumento é aqui analisado tendo por base os principais produtos agropecuários produzidos no Estado.

1.1.- Milho

Estima-se que 80% da produção destina-se ao consumo interno, ficando uma grande quantidade retida nos próprios estabelecimentos agrícolas.

Registram-se movimentos de saída de milho para o Rio Grande do Sul e importações do produto do Paraná.

Segundo a Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado de Santa Catarina (FECOAGRO), em 1975 as cooperativas adquiriram 80.000 toneladas do cereal, sendo que 3.000 toneladas foram exportadas pelo porto de Paranaguá. Cerca de 80 a 90% da aquisição das cooperativas, foi destinado às indústrias, representando em média, 4% da produção de 1975.

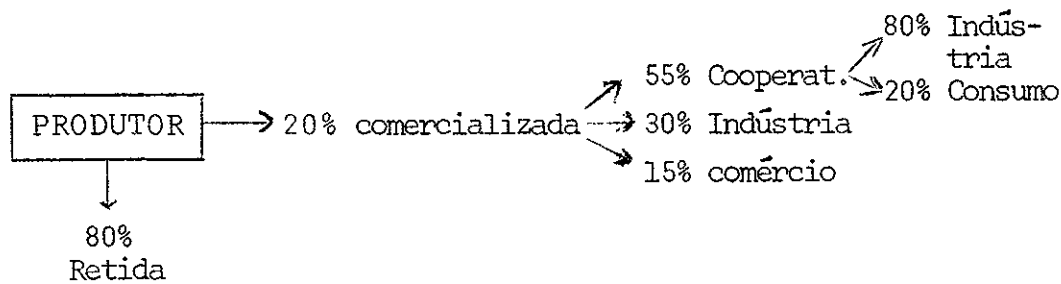
Ainda, segundo a FECOAGRO, a indústria e o comércio estariam absorvendo 15% da produção.

A produção da safra de 1975 foi de 2.123.000 toneladas, com os seguintes destinos:

a) para consumo animal e humano no próprio estabelecimento agropecuário (80%)	1.237.500 t
b) para a indústria	300.000 t
c) para a avicultura industrial	250.000 t
d) outros destinos (através do comércio)	91.500 t
e) perdas (11,5%)	244.000 t
TOTAL	<u>2.123.000 t</u>

Os canais de comercialização identificados como de maior significação podem ser sintetizados em três tipos: cooperativas, indústria e comércio.

O diagrama dos canais de comercialização é o seguinte:



A grande produção está concentrada na região Oeste do Estado que é também o maior mercado consumidor. Os polos consumidores, inclusive importadores de outras zonas produtoras são: Itapiranga, Maravilha, Chapecó, Seara, Concórdia, Videira, Xanxerê e Criciúma.

As condições de armazenamento não são satisfatórias e o transporte é feito por rodovia.

1.2.- Mandioca

Na região Sul do Estado, 60% da produção destina-se à fabricação de farinha.

Existem 2.029 engenhos na região; 36% da produção não é comercializada, destinando-se ao consumo doméstico, humano e animal; 40% da produção destina-se ao fabrico de raspa.

A mandioca da região sul-catarinense é beneficiada principalmente para a produção de farinha industrial e comestível. A farinha industrial é utilizada na composição de rações, sendo exportada para países da Europa, enquanto que a comestível destina-se ao mercado interno.

A produção de raspa da região é comercializada, em sua maior parte, dentro do próprio Estado, junto aos moinhos de trigo. Pequena parcela é vendida em Curitiba e São Paulo.

Na região Litoral de Florianópolis, cerca de 23% do total produzido é consumido "in natura", nas propriedades. Pequena parte é comercializada na Capital para alimentação humana, outra para alimentação do gado leiteiro; 64% da produção de raízes destina-se ao fabrico de farinha.

Existem 1.845 engenhos que industrializam a farinha com produção própria de matéria prima e posteriormente alugam as instalações a outros produtores das proximidades. Existe apenas uma fecularia nesta região.

No Vale do Itajaí, aproximadamente 50% da produção é utilizada "in natura" na alimentação humana e animal. Os restantes 50% são transformados em farinha, fécula e raspa, sendo a fécula o subproduto mais importante, com uma absorção de cerca de 40% da raiz produzida na região.

A fécula é demandada pelo mercado interno nacional e exportada para os Estados Unidos e Canadá, principalmente.

Das 64 fecularias existentes, a maioria é constituída de pequenas indústrias. Estas comercializam metade da produção para firmas exportadoras. Estas firmas exportam 70% e vendem os 30% restantes no mercado interno.

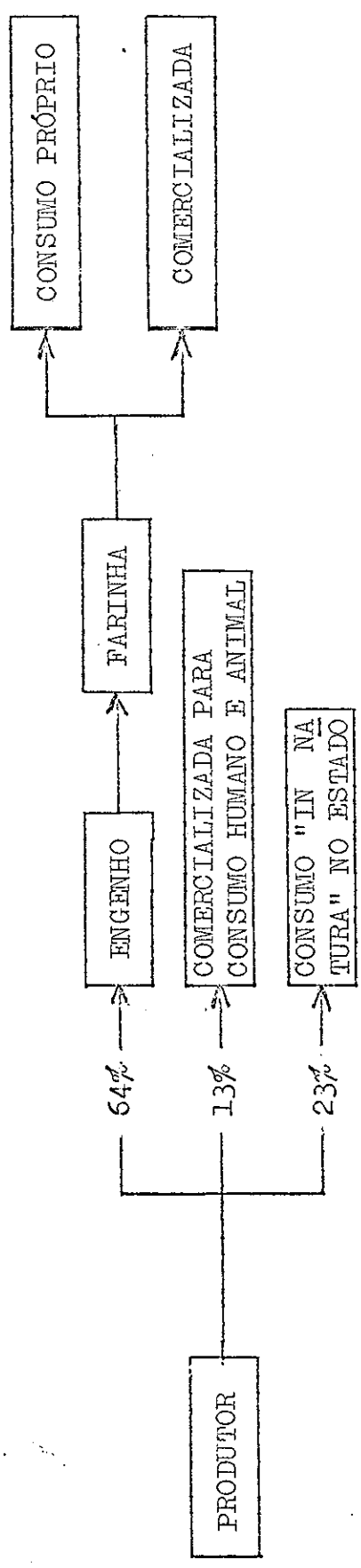
Para a produção de farinha, o agricultor possui instalações próprias ou faz a transformação em engenhos próximos, pagando em espécie; 70% da farinha é comercializada na região e o restante nos mercados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Quanto a produção de raspa, 70% é exportada e 30% adquirida por moinhos de trigo da região.

Para se ter uma maior idéia dos fluxos de comercialização da mandioca, são apresentados os seguintes esquemas.

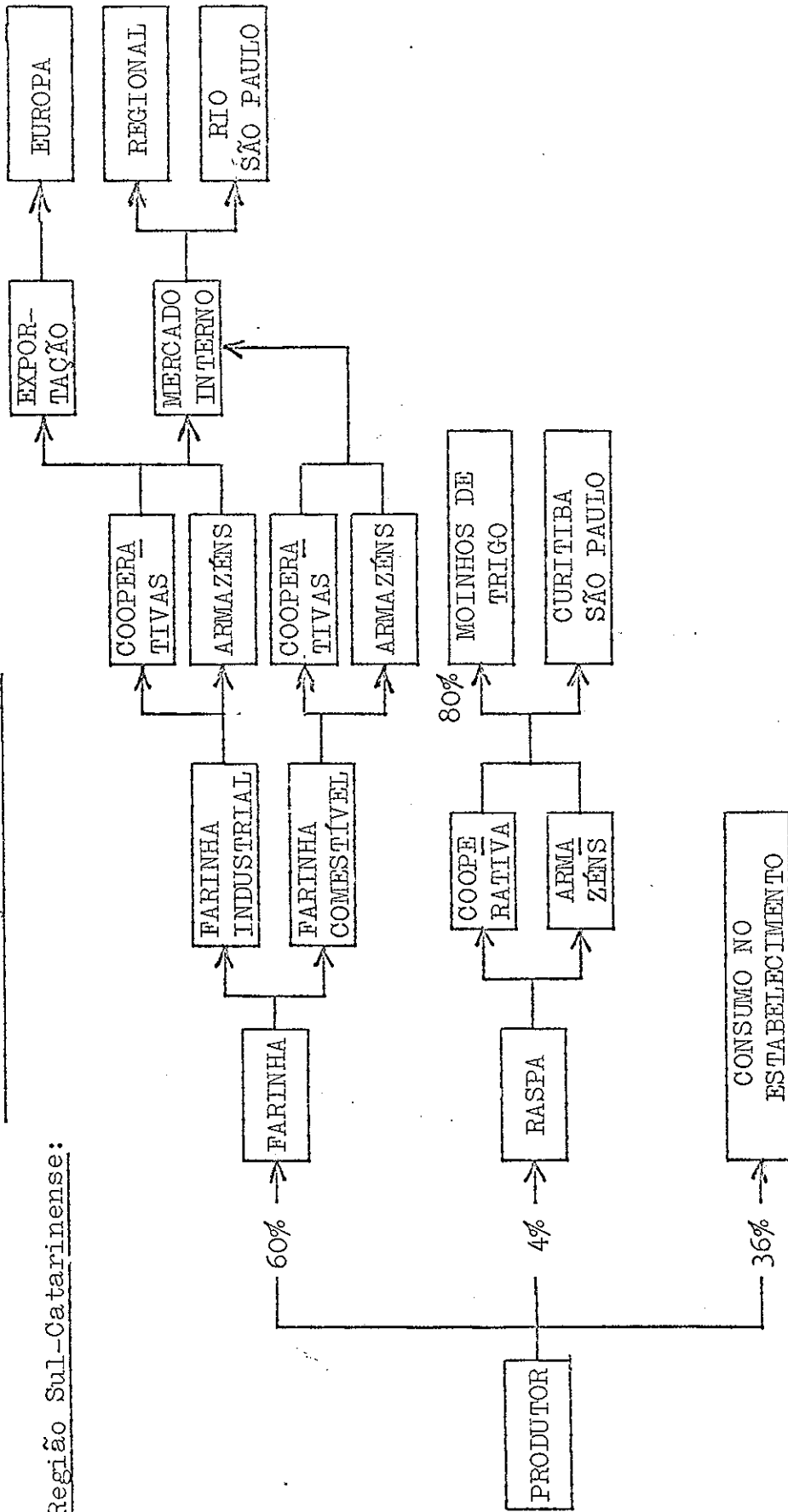
COMERCIALIZAÇÃO DA MANDIOCA

Região do Litoral de Florianópolis:



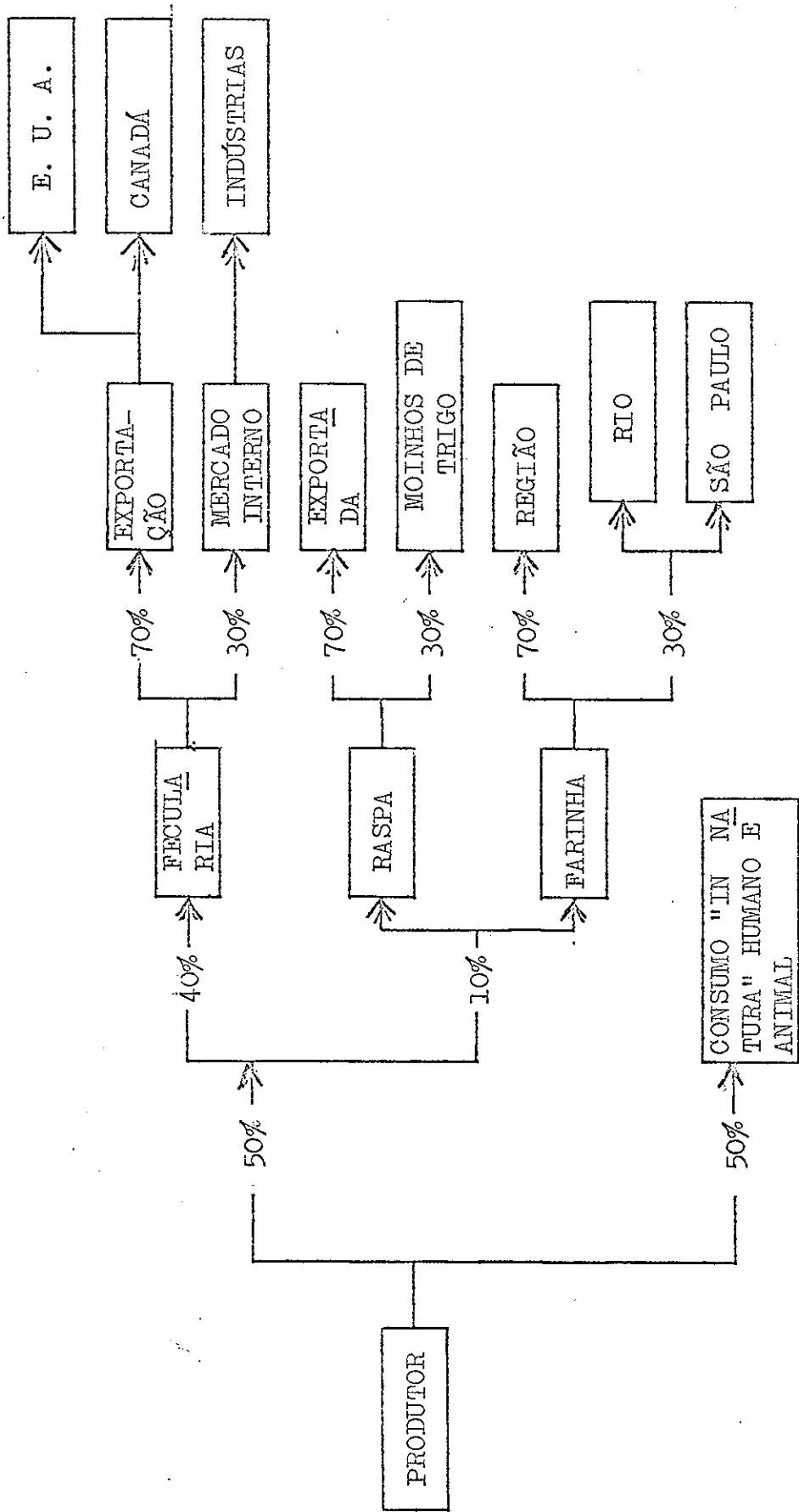
COMERCIALIZAÇÃO DA MANDIOCA

Região Sul-Catarinense:



COMERCIALIZAÇÃO DA MANDIOCA

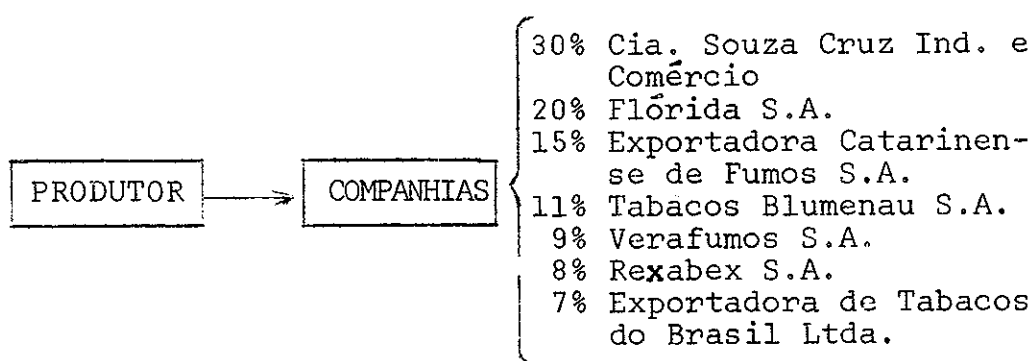
Região do Vale do Itajaí:



1.3.- Fumo

A totalidade dos produtores atua sob a forma de integração com a indústria, isto é, as empresas que comercializam e industrializam o fumo, mediante contrato com o produtor, fornecem assistência técnica e financeira integral e, em contrapartida, o fumicultor entrega toda sua produção à empresa contratante.

A comercialização do fumo ocorre no período que vai de dezembro a abril, mediante um único canal: produtor-indústria. Para exemplificar apresenta-se o esquema de comercialização no Alto Vale do Itajaí.



Parte da produção catarinense é exportada, tendo o Estado contribuído com 18,5% e 15,7% do total exportado pelo Brasil, nos anos de 1973 e 1974, respectivamente.

As companhias fazem o transporte do produto, em caminhões e armazenam-no em determinados entrepostos sub-regionais.

1.4.- Arroz

Quase toda a produção é entregue aos intermediários e/ou Cooperativas que submetem o produto a um processo de beneficiamento que compreende a secagem, m^a cereação, descascamento e seleção. Daí segue para os armazéns e posteriormente é distribuído para os mercados consumidores.

Pode-se distinguir três zonas produtoras com suas características de comercialização: a zona nº 1, compreendendo todo o Vale do Itajaí e o Litoral de Florianópolis até Joinville; a zona nº 2, na região Sul Catarinense; e a zona nº 3, da região serrana até o centro-oeste.

Na zona nº 1, 20% da produção fica para consumo na própria região e os 80% restantes são comercializados nas praças de São Paulo, Rio, Curitiba, Ponta Grossa, Belo Horizonte e Recife.

Na zona nº 2, 20% fica na região; 10% segue para Florianópolis, Blumenau e Itajaí e 70% obedece os fluxos para os mesmos centros consumidores da zona nº 1.

Na zona nº 3 identificam-se certas particularidades locais que levam a estabelecer quatro sub-zonas:

a.- Campos de Lages (micro-regiões 12 e 13)

Toda a produção fica para o consumo local.

b.- Norte (micro-região 16)

Quinze por cento é retido para consumo e o restante é utilizado para abastecer o sul do Paraná, seguindo ainda para os mercados de Curitiba e São Paulo.

c.- Rio do Peixe

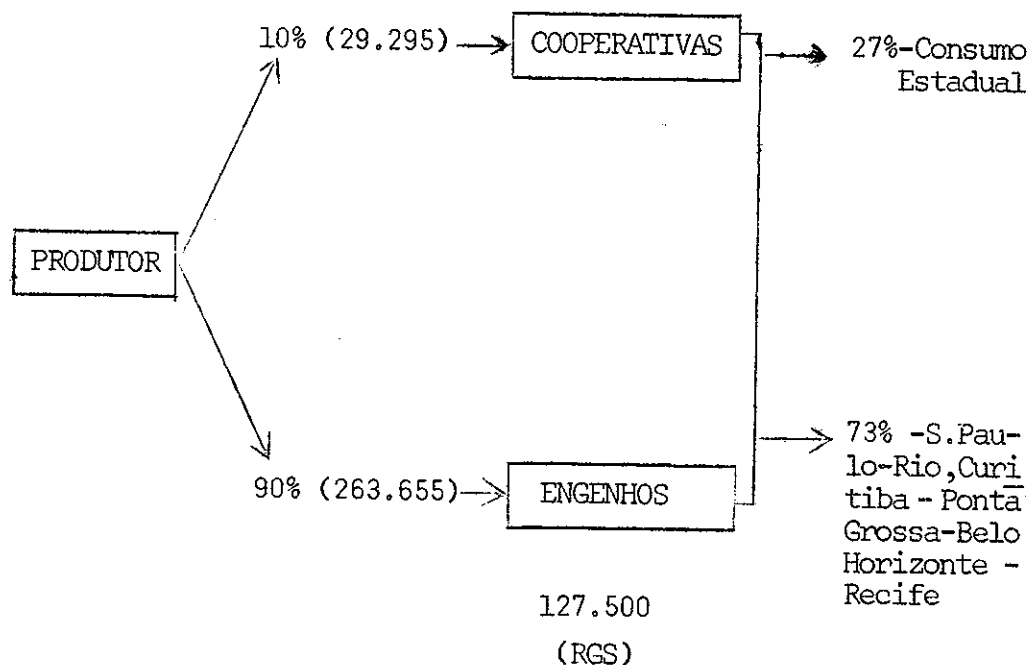
Cerca de 50% permanece na região.

d.- Oeste

Não há beneficiamento nesta zona. Além do volume de arroz que segue para a região do Rio do Peixe, parte dirige-se (arroz em casca) para o Paraná e São Paulo.

Os prováveis canais de comercialização devem apresentar-se conforme o gráfico a seguir:

FLUXO DE COMERCIALIZAÇÃO DO ARROZ
- com dados de 1975 -



O transporte é feito por rodovia e a capacidade de armazenadora é considerada insuficiente.

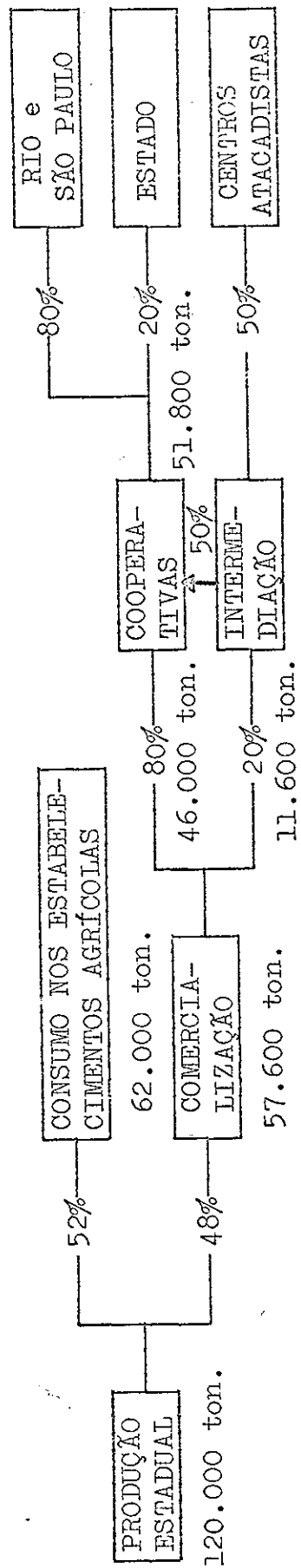
1.5.- Feijão

Grande parte da produção fica restrita nos estabelecimentos agrícolas para atender o consumo próprio, e considera-se que 207.000 estabelecimentos consomem 300 kg/ano cada. O restante da produção é comercializado, admitindo-se que 80% seja operado através das Cooperativas, principalmente junto às praças de São Paulo e Rio de Janeiro. O comércio tradicional de cereais absorve os 20% restantes.

O transporte da produção é feito por rodovia e a estrutura de armazenagem é suficiente.

A seguir apresentamos o fluxo de comercialização do produto.

FLUXO DE COMERCIALIZAÇÃO FEIJÃO

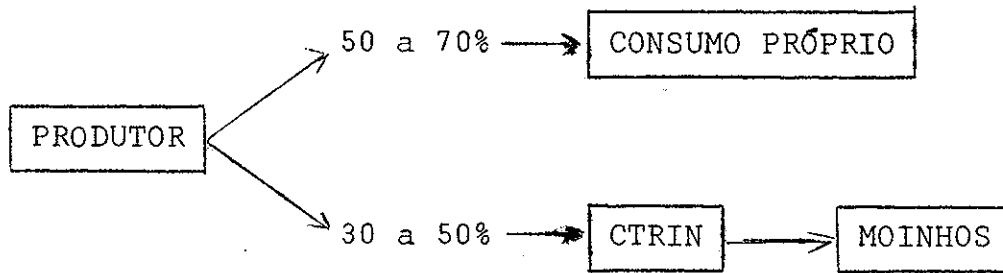


1.6.- Trigo

A comercialização da produção é simples, pois é feita sob controle oficial, através da Comissão do Trigo Nacional (CTRIN), por intermédio das agências do Banco do Brasil S/A. O produto é todo consumido no próprio Estado.

A parte não comercializada é utilizada para consumo próprio, sendo transformada em farinha pelos moinhos "coloniais" que prestam o serviço por uma simples troca de produto em casca por produto beneficiado.

O fluxo de comercialização do trigo é o seguinte:



1.7.- Batatinha

Os problemas de abastecimento deste produto são oriundos, principalmente, das deficiências na estrutura de comercialização.

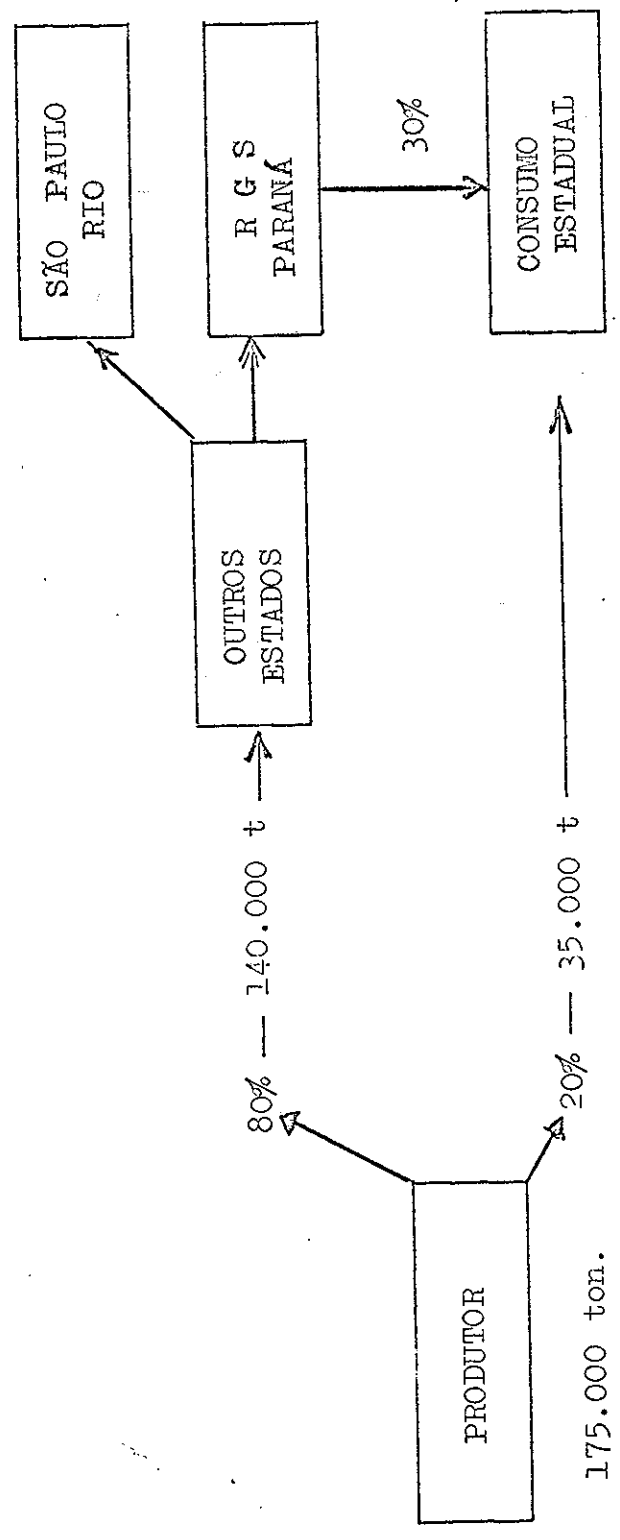
Aparentemente ocorre um retorno de cerca de 30% do produto que sai do Estado. Isto em virtude das necessidades de atender o consumo e devido ao fato de que não havendo um difundido sistema de limpeza e classificação do produto, esses serviços são feitos, em parte, nos Estados vizinhos, principalmente no Paraná. Lá o produto é classificado em batata de "primeira", "segunda" e "refugo". Enquanto a batata de "primeira" é comercializada nas praças de São Paulo e Rio de Janeiro, a de "segunda" retorna à Santa Catarina, para atender às necessidades do consumo local.

Não existe um sistema de estocagem da produção.

A comercialização é feita com rapidez durante todo o ano, havendo uma estocagem precária a nível de produtor.

A seguir registramos o fluxo de comercialização do produto.

FLUXO DE COMERCIALIZAÇÃO - BATATINHA - SANTA CATARINA



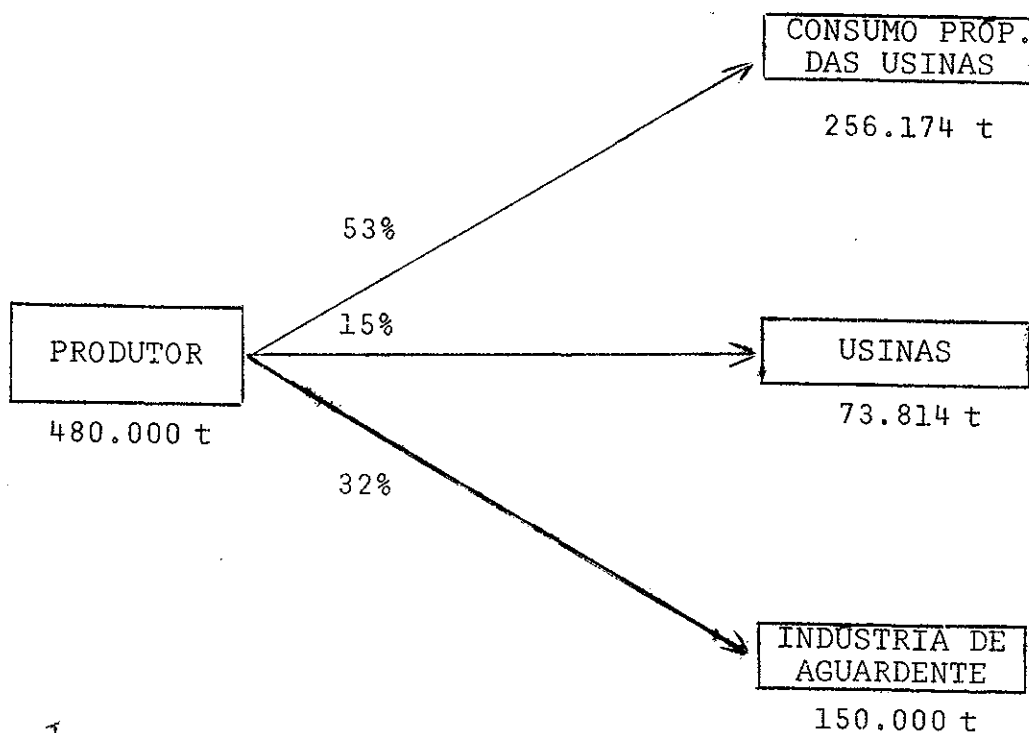
175.000 ton.

1.8.- Cana-de-Açúcar

O parque fabril açucareiro está instalado para processar um milhão de toneladas, sendo que na última safra industrializou apenas 329.988 toneladas, unicamente por falta de matéria prima.

As refinarias recentemente instaladas no Estado, possibilitam a exportação direta de açúcar para o mercado mundial.

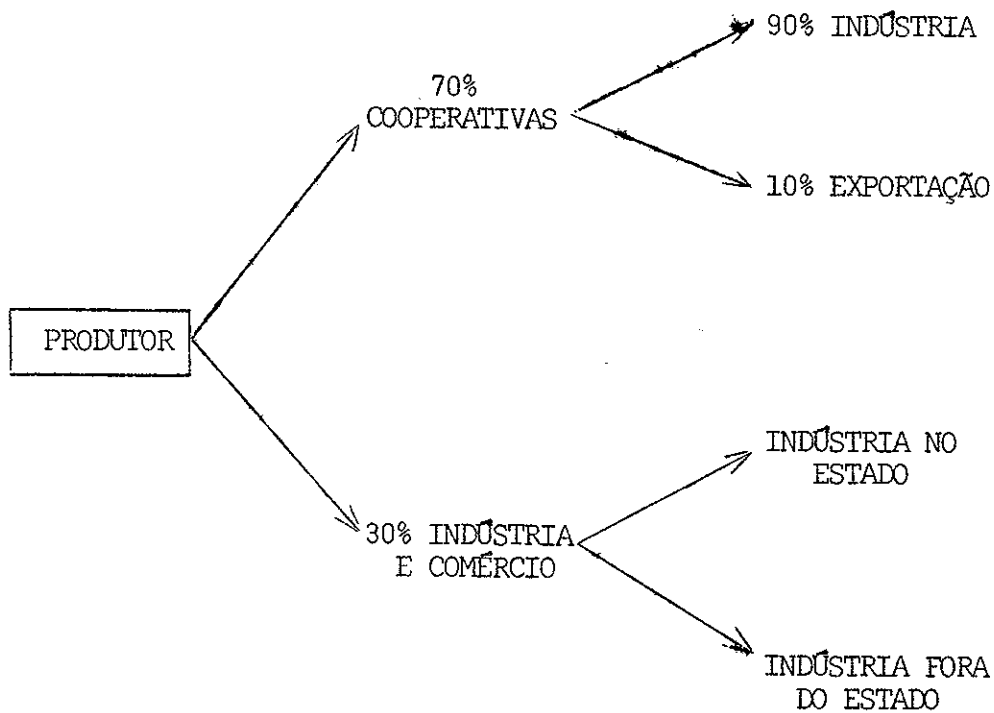
O quadro dos fluxos de comercialização poderá ser visualizado a seguir, considerando somente a matéria prima para a agroindústria e tomando como referência o ano de 1975.



1.9.- Soja

Ao redor de 70% da produção é comercializada através de Cooperativas. A indústria e o comércio receberia, neste caso, o restante, ficando uma quantidade mínima para consumo nos estabelecimentos agrícolas.

Segue o fluxo de comercialização da soja:



A indústria catarinense de óleos e farelos necessita anualmente de 440.000 toneladas. Cerca de oito indústrias beneficiam a soja, absorvendo pouco mais de 60% da produção estadual. Para suprir suas necessidades, a indústria busca matéria prima no Rio Grande do Sul e Paraná mas, mesmo assim, trabalha com capacidade ociosa.

O armazenamento é considerado insuficiente e o transporte é feito por rodovia e ferrovia.

1.10.- Banana

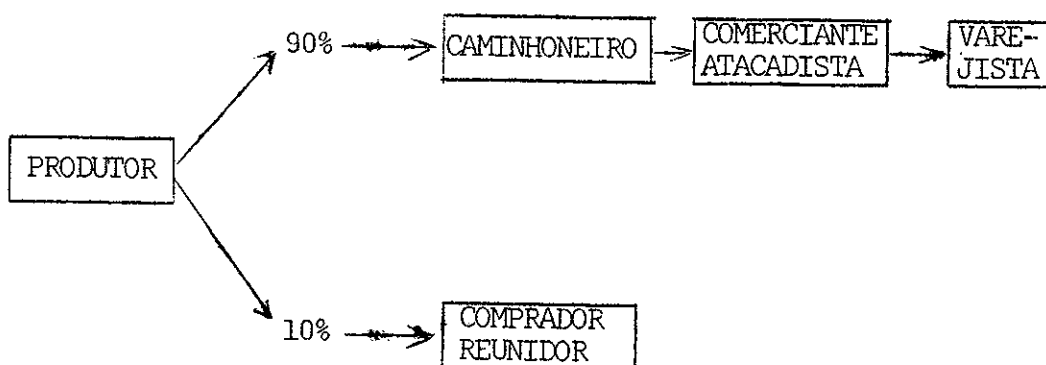
A região que engloba os municípios de Corupá, Jaraguá do Sul e Guarimir produz cerca de 50% da safra comercial do Estado. Nesta região é cultivada preferencialmente a variedade "nanicão", variedade esta que não apresenta condições de competir com São Paulo, procurando, destarte, mercados mais distantes como a região da fronteira gaúcha com a Argentina e Uruguai, penetrando eventualmente nos mercados desses dois países.

Na sub-região Sul Catarinense, nos municípios de Jacinto Machado, Criciúma, Siderópolis, Nova Venéza e Urussanga, desenvolve-se uma produção que representa cerca de 40% da safra comercializada. Aproximadamente 20% da produção é da variedade "nanicão", sendo comercializada no Rio Grande do Sul, na fronteira (Uruguaiana, Livramento e Bagé). Os 80% restantes são da variedade correntemente denominada "banana branca" ou "enxerto", que são bem aceitas no mercado do Paraná (Ponta Grossa e Curitiba) e São Paulo.

Aproximadamente 10% da produção comercial situa-se na zona mediana do litoral. Essa produção destina-se a atender não só o consumo local e sub-regional "in natura" (50%), mas também atende a demanda de algumas pequenas indústrias de doces.

São Paulo absorve mais de 50% da produção de banana "branca" catarinense, devido a inexistência dessa variedade naquele Estado, provocando uma melhor cotação de preço do produto.

Passamos a apresentar os fluxos de comercialização do produto enfocado.



1.11.- Fruticultura de Clima Temperado

Serão consideradas apenas as espécies de maior importância econômica: pêssago, nectarina, ameixa (fru de caroço), maçã e uva.

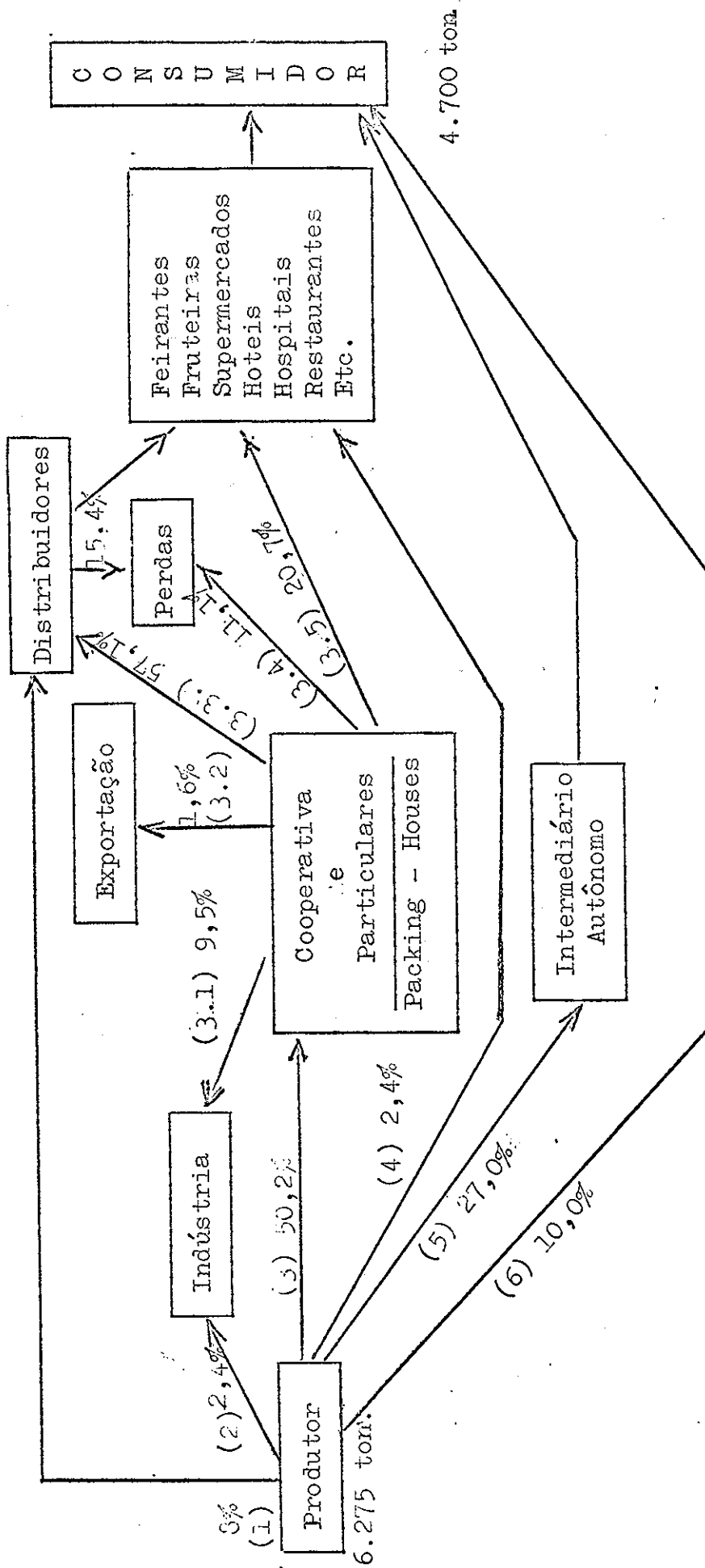
Sabe-se que a maçã importada tem entrada no Estado durante o ano inteiro. Em épocas de safra, entram no Estado pêssagos, nectarinas e ameixas, provenientes principalmente do Rio Grande do Sul, com destino ao Liltoral Catarinense.

A comercialização através das Cooperativas ainda tem uma grande dependência da ação dos distribuidores. Este encaminhamento onera os custos de comercialização, pois, além dos custos operacionais de processamento na própria cooperativa, incidem ainda sobre a produção, as taxas de comercialização cobradas pelos distribuidores (14 a 16%).

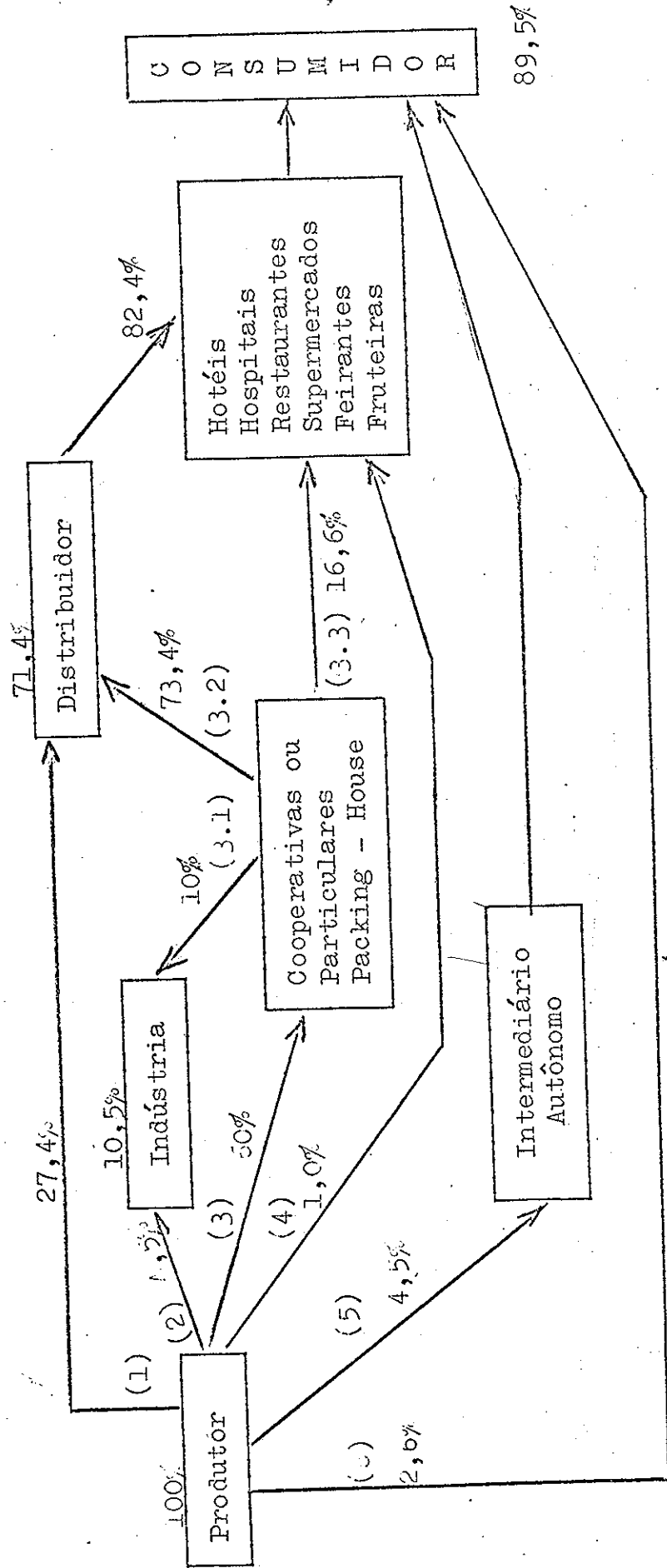
Segue, para análise, os esquemas dos fluxos de comercialização das frutas.

FRUTAS DE CAROÇO - TOTAL SAFRA 75/76 = 6.275 ton.
 (Pêssego, Nectarina e Ameixa)

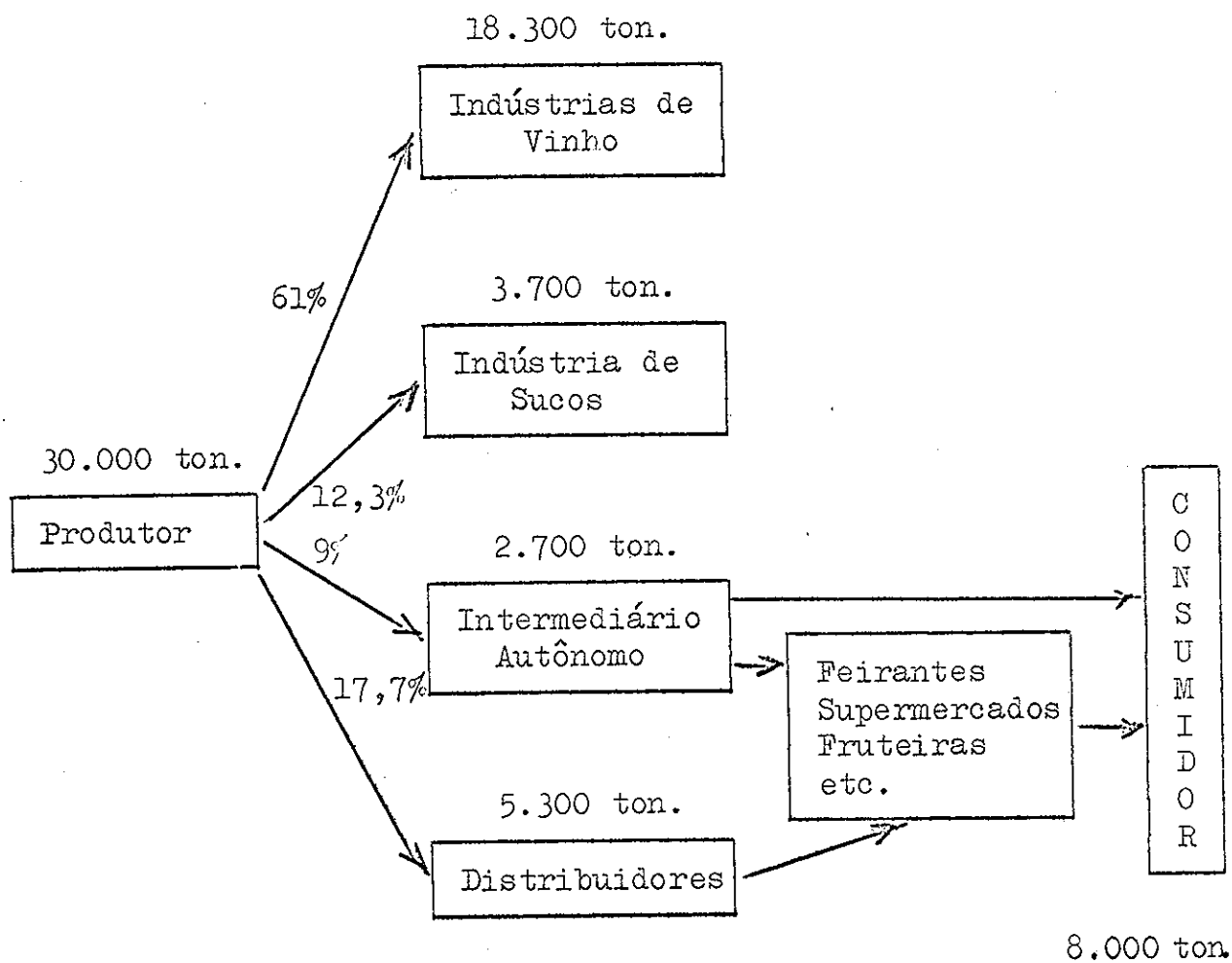
Fluxo de Comercialização



FLUXO DE COMERCIALIZAÇÃO DA MAÇA
SAFRA 1975/76



FLUXO DE COMERCIALIZAÇÃO DE UVA
Safrá 1975/76



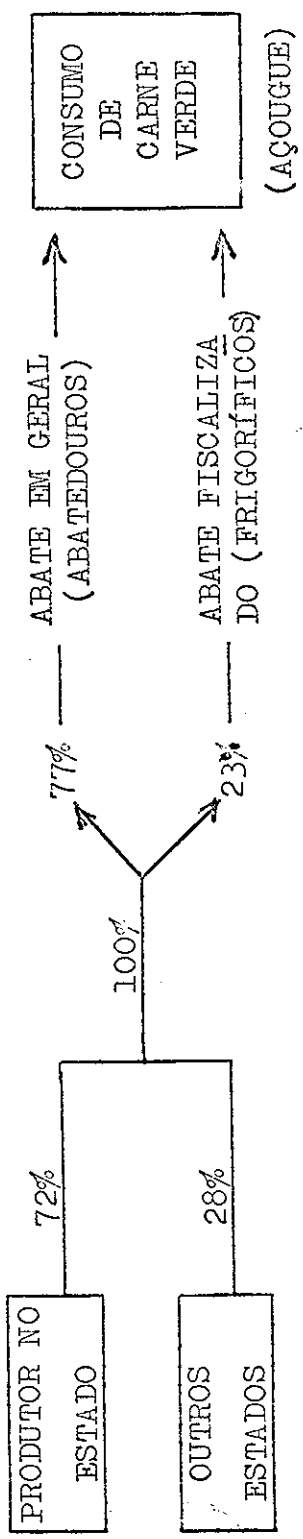
1.12.- Bovinocultura de Corte

A maior concentração de bovinos do Estado encontra-se nas micro-regiões 12 (Campos de Lages) e 13 (Campos de Curitibanos).

Santa Catarina não é auto-suficiente em carne bovina, havendo a necessidade de importação de bovinos do Paraná e Rio Grande do Sul, principalmente.

O fluxo de comercialização de bovinos apresenta a configuração que segue:

FLUXO DE COMERCIALIZAÇÃO DE BOVINOS



A comercialização do bovino terminado tem sido executada diretamente pelo produtor, sendo feita com as indústrias frigoríficas de abate ou com as marchantes, para os pequenos abatedouros a nível de município.

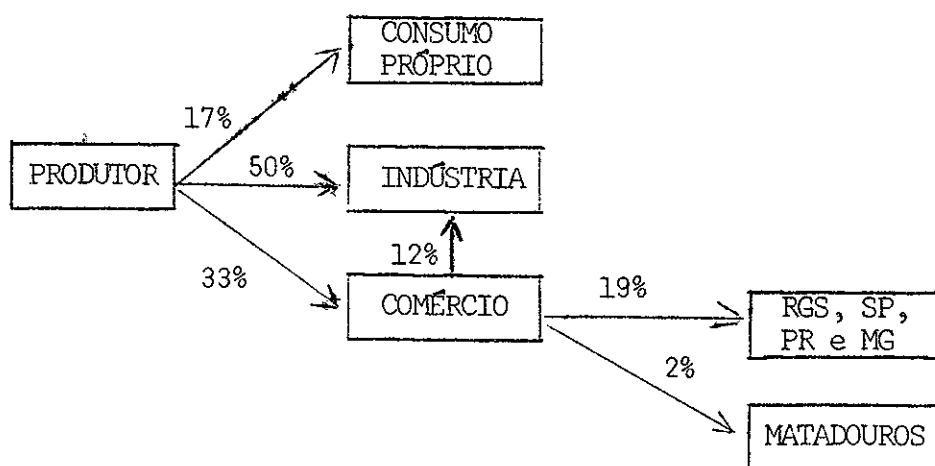
No Estado, destacam-se apenas dois estabelecimentos industriais de carne bovina com maior significação em abates para o abastecimento estadual, abatendo cerca de 200 animais/dia cada. Os demais grandes estabelecimentos operam com maior destaque, nos abates de suínos e aves.

1.13.- Suinocultura

Setenta por cento do comércio de suínos é realizado pelo canal direto produtor-indústria. As indústrias possuem postos de compras nas diversas zonas produtoras.

O mercado de produtos derivados de suínos de Santa Catarina atinge toda a região Sul, São Paulo e Rio de Janeiro e, secundariamente, outros Estados da Federação. São Paulo absorve 40%; Santa Catarina consome 26% de sua própria produção; seguindo Rio de Janeiro com 16%; enquanto que o Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais consomem, em conjunto, 14,5%. Este foi o fluxo de destino da produção de derivados em 1973.

O fluxo de comercialização de suínos tem a seguinte configuração:



1.14.- Avicultura

O maior dinamismo da atividade avícola acontece nas micro-regiões do Estado onde se encontram as indústrias frigoríficas, ou seja, no Meio-Oeste e Oeste Catarinense.

Como na suinocultura, grande parte do volume produzido está montado sobre um sistema integrado de produção "produtor-indústria".

As micro-regiões Colonial do Rio do Peixe e a do Oeste Catarinense são responsáveis por 69% e 23% da oferta de matéria prima, respectivamente. Por outro lado, participam com 81% e 11% do abate total dos frigoríficos de Santa Catarina. A micro-região do Oeste, além de se auto-abastecer, transfere quase a metade da produção de aves para a região contígua, a do Rio do Peixe.

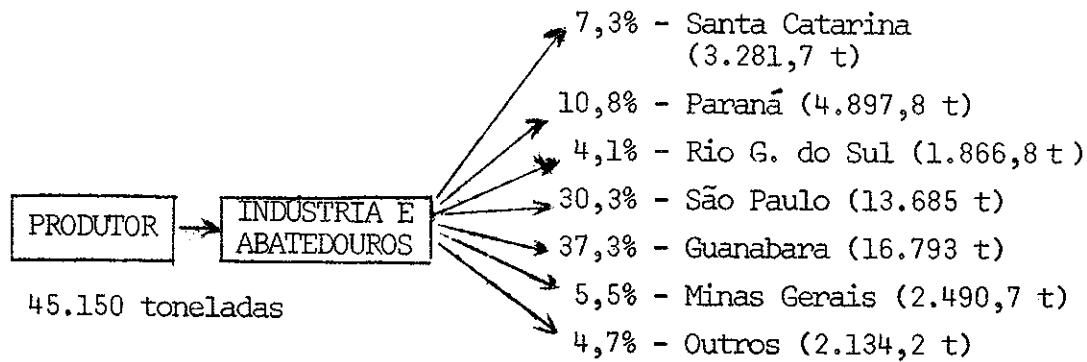
A micro-região Colonial de Blumenau participa também, na produção e no abate, com 7%.

A fonte abastecedora da matéria-prima tem se localizado, em sua totalidade, no próprio Estado.

Em 1975 foram feitas as primeiras exportações de carne de ave frigorificada e defumada, para a Arábia Saudita, Kuwait, Ilhas Canárias e Suíça.

O fluxo de comercialização é simples, pois, a produção sai diretamente do produtor para ser abatida e preparada, devendo em seguida entrar na cadeia de distribuição.

Em 1974, o fluxo de comercialização do frango de corte, segundo pesquisa feita pelo CEAG/SC (ex-IBAGESC), foi o seguinte:



1.15.- Leite

O Alto Vale do Itajaí, a zona de Joinville, a área de Blumenau espraiando-se pelo Litoral de Itajaí, uma parcela da zona metropolitana de Florianópolis, a área polarizada por Tubarão e a zona de influência de Lages, localizam, com maior ou menor significado, a produção leiteira catarinense.

O leite "in natura" é comercializado diretamente entre produtor-consumidor ou destina-se às indústrias de laticínios.

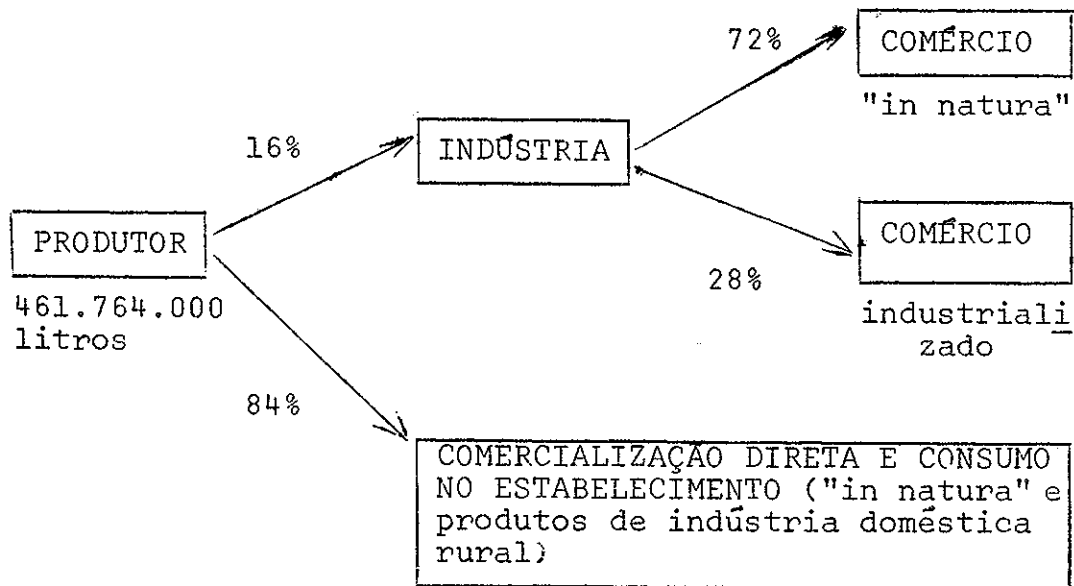
A comercialização direta do leite "in natura" pode ocorrer de dois modos:

a.- quando o produtor localiza-se próximo ao centro urbano, faz a entrega direta ao consumidor;

b.- de outra forma, o intermediário coleta e revende na cidade.

No sistema de comercialização através de indústria, a coleta do produto é feita diretamente no estabelecimento produtor, pela própria indústria (cerca de 80%) ou por intermediário. Alguns desses intermediários somente se encarregam do transporte.

A seguir apresenta-se o provável fluxo de comercialização.



A entrada de leite dos Estados vizinhos é insignificante enquanto que, uma indústria de Porto Alegre faz coleta no Sul Catarinense (micro-regiões 10 e 11).

Produtos industrializados são importados de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná e, em contrapartida, Santa Catarina exporta estes produtos para os mercados de Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro.

No Estado existem 30 indústrias de laticínios, sendo que apenas três destas empresas se encarregam da industrialização de 56% do total de leite absorvido pelas mesmas.

1.16.- Considerações sobre a Lucratividade das Explorações Agropecuárias

Ao analisar comparativamente os custos de produção das atividades aqui consideradas, com as receitas advindas de sua exploração, chega-se a renda líquida que, como se observa nos quadros que seguem, tanto pode ser consideravelmente elevada, a exemplo da fruticultura e bovinocultura, como até mesmo negativa, verificado na suinocultura.

Os dados contidos nos quadros referem-se ao ano de 1975 e, é bom que se saliente, foram aproveitados da forma que estavam disponíveis, sujeitos portanto, a uma razoável margem de erro.

PRODUTO E NÍVEL TECNOLÓGICO	CUSTO/UNIDADE		RECEITA/UNIDADE		RENDA/LÍQUIDA (Cr\$/Ton)
	(Cr\$/Ton)		DE - (Cr\$/Ton)		
• Mandioca - "Moderno" (1)	125,71	250,00	124,29		
• Arroz - "Moderno"	1.222,33	1.700,00	477,67		
• Soja - "Mecanizada"	1.013,79	1.300,00	286,21		
• Soja - "Colonial"	944,41	1.300,00	355,59		
• Trigo - "Mecanizado"	1.512,46	1.666,66	154,20		
• Trigo - "Colonial"	1.312,89	1.666,66	353,77		
• Feijão - "Colonial"	1.262,00	1.666,66	404,66		
• Batatinha - "Litoral"	780,00	1.666,66	386,66		
• Batatinha - "Serra"	434,33	666,66	232,33		
• Batatinha - "Semente"	1.381,11	1.666,66	285,55		
• Milho - "Mecanizada"	786,39	806,40	20,01		
• Milho - "Colonial"	575,62	800,00	224,38		
• Fumo - em folha	5.724,16	6.666,66	942,50		
• Frutas Temperadas (2) Pêssego, Nectarina, Ameixa	3.986,00	6.600,00	2.614,00		
• Uva espécies americanas	530,00	500,00	- 30,00		
• Uva espécies viníferas	530,00	1.600,00	1.070,00		
• Banana	416,00	600,00	184,00		
• Cana de Açúcar - Cana planta	70,59	77,76	7,17		
• Cana soca	67,63	77,76	10,13		

(1) Calculado em janeiro de 76

(2) Safra 75/76

Incratividade da Exploração Agrícola - Pecuária - 1975

PRODUTO E NÍVEL TECNOLÓGICO	CUSTO (Cr\$/t)	RECEITA (Cr\$/t)	RENDA (Cr\$/t)
. Bovinos (vivo)			
- Sistema da produção com novilho precoce (1)	4.385,87	5.270,00	884,13
. Suínos (vivo)			
- Sistema "tecnificado"	5.560,00	4.950,00	- 710,00
- Sistema "colonial"	5.490,00	4.450,00	- 1.040,00
. Leite	-	1.600,00	-
. Frango (vivo)			
- Reg. de Fpolis	5.878,00	6.041,00	163,00
- Reg. Oeste (2)	5.900,00	6.200,00	300,00

(1) = Segundo dados estimados pela ACARESC na produção do novilho comercializado em feiras, considerando a comercialização da carcaça c/ 55% de rendimento.

(2) = Em abril de 1976.

2. Informações de Mercado

O setor público agrícola em Santa Catarina tem duas atividades na área de informações de mercado.

Uma delas é feita pelo Serviço de Extensão Rural, através de uma coleta mensal dos preços recebidos pelos produtores agrícolas e preços por eles pagos na aquisição de insumos e material agropecuário. Os dados obtidos através desta pesquisa são enviados à Fundação Getúlio Vargas.

A segunda atividade do setor público agrícola nessa área, é feita através do Serviço de Informações de Mercado Agrícola - SIMA. Este serviço é executado por um órgão da Secretaria da Agricultura e Abastecimento e está diretamente entrosado com as atividades da Divisão de Informações de Mercado Agrícola do Departamento Nacional dos Serviços Auxiliares de Comercialização do Ministério da Agricultura.

Várias Capitais brasileiras dispõem do Serviço de Informação de Mercado Agrícola que efetuam, diariamente, a coleta de preços de diversos produtos a nível de atacadistas, em seus respectivos Estados. Há então, uma troca de informações, via telex, entre os SIMAs, dos preços levantados.

Recebidas as informações, o SIMA/SC as dissemina entre os órgãos interessados e a rede de informantes em Florianópolis, através de boletins bem como, para os agropecuaristas catarinenses, através de programas radiofônicos do Serviço de Extensão Rural.

3.- Armazenamento

O Estado de Santa Catarina dispunha em 1975 de uma capacidade estática de armazenagem, tanto em ambiente artificial como natural, acima de 1.100.000 toneladas.

A rede particular representa 80% dessa capacidade instalada, 15% as cooperativas e a rede oficial participa com 5%.

A capacidade instalada, de propriedade das cooperativas, em sua grande maioria, constitui-se de armazéns convencionais de alvenaria, que permitem a operação somente com produtos ensacados, apresentando baixa rotatividade.

Pequena parcela constitui-se de armazéns graneliros e silos, para movimentação a granel.

De acordo com a produção micro-regional, seu crescimento, e um índice de rotatividade de 2,5:1, na armazenagem, determinou-se que o atual déficit de estocagem seria da ordem de 330 mil toneladas.

A grande demanda seria nas micro-regiões 13, 14, 15 e 16. O atendimento deverá ser feito nos seguintes níveis:

- . armazenagem a nível de estabelecimento agrícola
- . armazenagem intermediária (cooperativas e governo)
- . armazenagem terminal (indústrias).

Quando se examina cada micro-região pelo aspecto da capacidade produtora de cereais, principalmente, percebe-se que existem déficits em algumas e superávits em outras.

O Governo Estadual elaborou um plano específico para o atendimento de parte das necessidades de armazenagem, através de financiamento, para construção de unidades armazenadoras. Destarte, foi dimensionada uma necessidade de duplicar a atual capacidade até 1980, em função do incremento que deverá ocorrer na produção.

O Programa do Governo Estadual denominado PROCAZEM, deverá receber recursos do BADESC - Banco de Desenvolvimento de Santa Catarina, a fim de executar os financiamentos propostos, conforme o seguinte perfil:

Quadro nº 39

PROCAZEM - Programa de Financiamento para
Armazenagem em Santa Catarina

PERÍODO	CAPACIDADE A SER FINANCIADA (t)	BENEFICIÁRIOS	
		COOPERATIVAS AGRÍCOLAS	FAZENDAS
. 75/76	70.000	35.000	35.000
. 76/77	80.000	48.000	32.000
. 77/78	70.000	49.000	21.000
. 78/79	70.000	56.000	14.000
. 79/80	70.000	56.000	14.000
TOTAL	360.000	244.000	116.000

FONTE: PROCAZEM - BADESC

O Programa considera que haverá até 1980 um crescimento das necessidades de armazenagem da ordem de 1,4 milhão de toneladas. Pretende fornecer recursos para a implantação de unidades que irão atender 26% dessas necessidades, sendo que a parcela restante seria financiada através do PRONAZEM - Programa Nacional de Armazenagem e outras fontes.

Os quadros seguintes mostram os produtos armazenados nas unidades da CIBRAZEM em Santa Catarina, mês a mês, no ano de 1975; a capacidade frigorífica instalada; número e capacidade dos armazéns por micro-região.

Produtos Agrícolas Armazenados nas Unidades da Cibrazém em Santa
Catarina durante o ano de 1975 (toneladas)

PRODUTOS	JAN.	FEV.	MAR	ABR	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOST	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
01. Soja	62	-	-	130	331	190	124	60	-	88	89	24	1.398
02. Sorgo ...	-	-	-	-	55	-	-	-	-	-	-	-	55
03. Aveia ...	48	2	-	-	8	-	-	-	-	-	-	6	64
04. Azevém ..	41	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	42
05. Centeio .	15	-	-	-	84	-	-	-	-	-	-	-	99
06. Trigo ...	1.576	2.373	2.164	974	170	35	1.746	4.100	719	2	-	3.335	17.194
07. Feijão ..	161	1.399	294	642	47	69	513	20	-	-	-	1	3.146
08. Milho ...	-	41	-	473	141	543	1.109	363	662	430	302	201	4.765
09. Cevada ..	42	63	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15	120
10. Café	-	15	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	15
11. Arroz ...	-	-	-	82	102	-	-	-	-	-	-	-	184
TOTAL ...	1.945	3.843	2.958	2.302	938	1.137	3.492	4.543	1.381	1.020	391	3.582	27.082

FONTE: Delegacia da Cibrazém - SC.

Quadro nº 41

Capacidade Frigorífica Instalada
Santa Catarina - 1975

MICRO-REGIÕES	Nº FRIGORÍFICOS	CAPACIDADE (t)
. 01 (801)	3	281
. 02 (802)	10	9.629,4
. 03 (803)	3	322,0
. 05 (805)	1	10
. 06 (806)	13	3.428,3
. 07 (807)	1	250
. 08 (808)	2	606
. 09 (809)	1	378
. 14 (814)	5	4.022
. 15 (815)	2	1.955
. 16 (816)	1	350
ESTADO	12	21.231,7

FONTE: Cibrazem

Armazenagem - Santa Catarina - 1975/1977

MICRO-REGIÕES	Nº DE ARMAZÉNS (1)	CAPACIDADE ES- TÁTICA - 1975 (t) - (1)	QUANTIDADE ARMAZENADA - 1975 - (t)	CAPACIDADE ESTÁTICA	
				PREVISTA - 1976 (2)	1977 (3)
01 (801)	24	56.120	-	-	-
02 (802)	9	33.826,2	-	-	-
03 (803)	21	51.000	-	-	-
04 (804)	2	2.200	-	-	-
05 (805)	22	30.358,2	-	-	-
06 (806)	6	12.319,3	-	-	-
07 (807)	2	21.480	-	-	-
08 (808)	4	28.200	-	-	-
09 (809)	28	79.352	-	-	-
10 (810)	24	43.247,4	-	-	-
11 (811)	29	64.276,6	-	-	-
12 (812)	2	4.037	-	-	-
13 (813)	8	51.667,5	-	-	-
14 (814)	71	193.677,5	-	-	-
15 (815)	140	320.044,8	-	-	-
16 (816)	24	31.966,0	-	-	-
ESTADO	416	1.023.772,8	-	1.195.772,8	1.255.772,8

(1) = Cadastro Nacional de Unidades Armazenadoras - CibraZém - 1976 (Meio Ambiente Natural).

(2) = Segundo financiamento, feitos p/ novas Unidades.

(3) = Novas unidades da Companhia de Comercialização e Armazenagem - COCAR.

4.- Transporte

O principal meio de transporte utilizado em Santa Catarina é o rodoviário, situando-se em seguida o marítimo e o ferroviário.

O Governo Estadual tem um Programa rodoviário que, aliado aos projetos do plano rodoviário federal, prevê a implantação, até 1979, de 1.107 quilômetros e pavimentação de mais 1.756 km.

Nos quadros seguintes encontram-se as metas estabelecidas pelo Governo do Estado, e as fontes de recursos, para o período 1975/77.

Quadro nº 43

Plano Rodoviário para Santa Catarina
Metas e Dispendios para 1975 - 1977
(Cr\$ 1.000)

ATIVIDADE	1975		1976		1977	
	km	Cr\$	km	Cr\$	km	Cr\$
. Implantação	159	65.800	388	191.800	348	231.200
. Pavimentação	77	85.410	318	419.720	674	1.007.500
TOTAL	-	151.210	-	611.520	-	1.238.700

Quadro nº 44

Plano Rodoviário para Santa Catarina
 Fontes de Recursos para 1975-1977
 (Cr\$ 1.000)

FONTES	1975	1976	1977
. Apoio Financeiro da União	100.000	100.000	100.000
. Recursos Orçamentários do Estado	40.000	55.410	273.000
. Empréstimo externo	-	312.770	349.300
. Outros Recursos ...	10.000	143.340	516.400
TOTAL	151.210	611.520	1.238.700

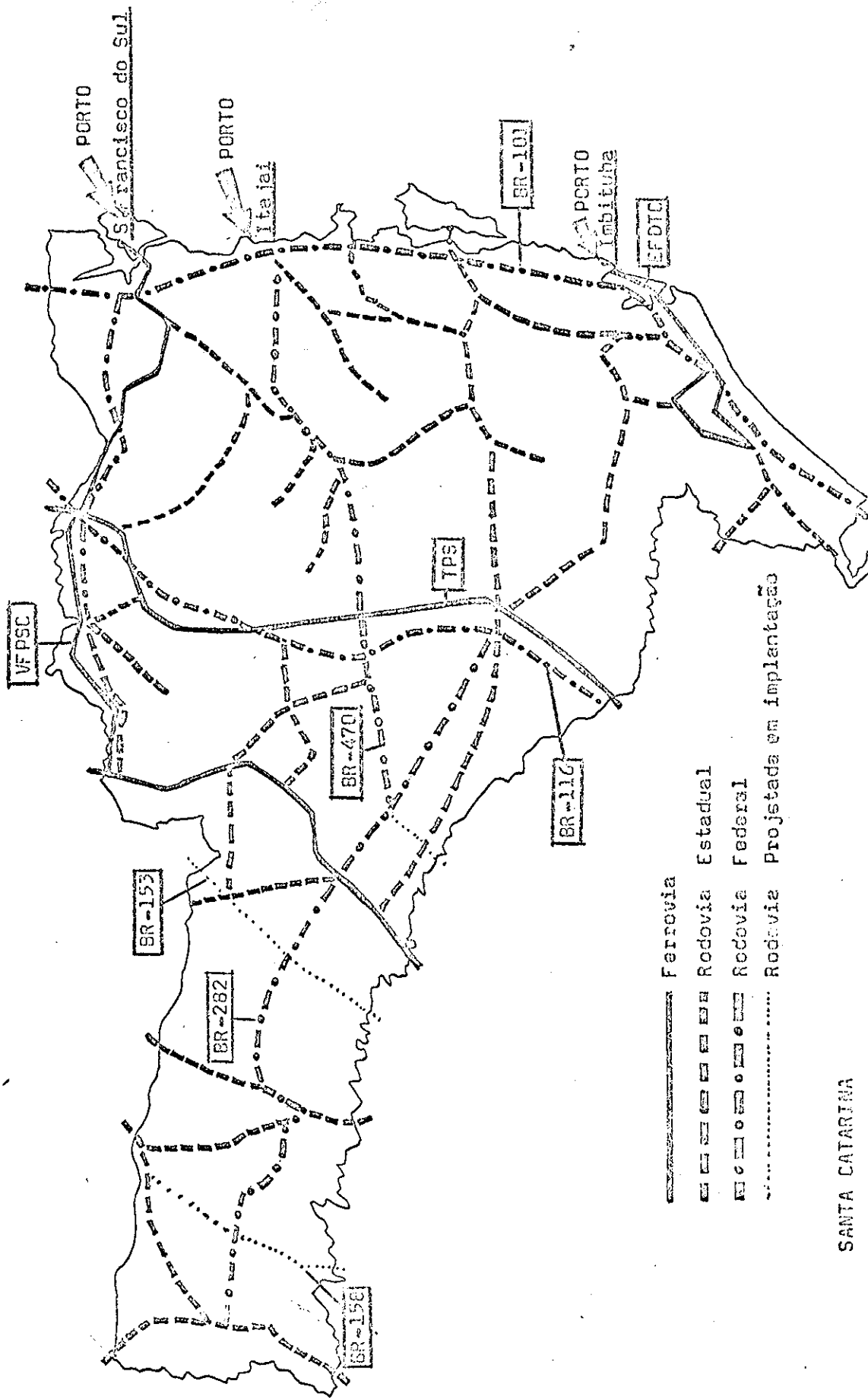
O atual sistema viário catarinense não proporciona uma integração econômica e política, em nível estadual. Santa Catarina está zoneada por polos de atração situados fora do Estado, no Paraná e no Rio Grande do Sul.

Há grande necessidade de ligações transversais (leste-oeste) integrando as zonas de produção agropecuária com as zonas de produção industrial, até os portos marítimos de importância (São Francisco do Sul, Itajaí e Imbituba).

O sistema de transporte ferroviário é constituído por 1.349 km, da Rede Ferroviária Federal. Toda esta extensão pouco serve à economia estadual, a não ser a estrada "D. Tereza Cristina", no Sul do Estado, que faz o transporte de carvão para o Porto de Imbituba. Não existe um sistema de conexão da rede rodoviária com as linhas ferroviárias. O Tronco Principal Sul (TPS), atravessa uma região de baixa densidade econômica e geográfica, servindo apenas de ligação entre os Estados do Paraná e Rio Grande do Sul.

Com relação aos portos marítimos, existem três importantes, sendo que os de São Francisco do Sul e Imbituba poderão tornar-se de grande significação para o aproveitamento potencial destes terminais. Esta melhor utilização depende de melhoramentos e expansão da infraestrutura portuária, bem como, da própria adequação dos portos dentro do sistema de corredores de transporte.

As principais estradas do Estado estão representadas no mapa que segue:



- Ferrovias
- - - Rodovias Estaduais
- Rodovias Federais
- . - . Rodovias Projstada em implantação

SANTA CATARINA
CORREDORES DE TRANSPORTE

VII - FINANCIAMENTO

Neste item são analisados os instrumentos crédito e preços mínimos.

1.- Crédito

As atividades agropastoris em Santa Catarina estão intimamente ligadas ao Crédito Rural.

Atuam no Estado, além da Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina - ACARESC, ao redor de quinze organizações particulares que fazem planejamento para propriedades de exploração agrícola.

Tanto estas firmas como a ACARESC atuam na intermediação para obtenção de financiamentos aos produtores rurais, mediante projetos previamente elaborados.

Destes órgãos privados de assistência técnica e planejamento, seis mantêm convênio com os seguintes agentes financeiros: BRDE, BESC, União de Bancos, Sul Brasileiro, Bamerindus e algumas agências do Banco do Brasil.

É evidente que não são apenas estas entidades bancárias que possuem linha de crédito para a agricultura e pecuária, pois, todos os bancos oficiais e privados, são obrigados através da Resolução 69 do Banco Central, a destacar recursos para financiamento agrícola.

2.- Preços Mínimos

Este é um instrumento que apresenta repercussões positivas dentro do Estado, pois, os produtores estão entregando, em quantidades cada vez maiores, suas produções às cooperativas, evidenciando sua confiança a sistemática da política de preços mínimos e reconhecendo, desta forma, a segurança que este instrumento proporciona na comercialização de seus produtos.

Constata-se, todavia, que estão ocorrendo transações comerciais em que os produtos amparados pela política de preços mínimos estão sendo vendidos abaixo desses valores, fato que está preocupando as autoridades.

Quanto a acessibilidade dos produtores de baixa renda a este instrumento, verifica-se que apenas os filiados às cooperativas é que têm condições de usufruir das vantagens do instrumento, tendo em vista que as cooperativas, através de operações com o EGF, podem estocar os produtos entregues pelos associados até que o mercado apresente melhores oportunidades.

Fazendo-se uma comparação dos custos de produção das lavouras com os preços mínimos, conclui-se que estes nem sempre cobrem aqueles. É sabido que uma das variáveis na fixação dos preços mínimos é o custo de produção e que a Comissão de Financiamento da Produção -CFP, pretende que os preços mínimos se situem, pelo menos, ao nível de uma média do custo de produção de cada produto nas diversas regiões do País. Acontece que os cálculos de custo de produção diferem muito, dependendo dos índices e variáveis utilizados, não existindo no Estado e no Brasil, um critério único para o referido cálculo, resultando daí a constatação de que os preços mínimos, às vezes, são inferiores aos custos de produção.

VIII - CONTROLE E FISCALIZAÇÃO

1.- Inspeção, Padronização e Classificação

Em Santa Catarina, o setor público agrícola atua na inspeção, padronização e classificação de produtos de origem vegetal e animal, através de dois órgãos específicos, ou seja: CLAVESC - Serviço de Classificação de Produtos de Origem Vegetal de Santa Catarina e GEIPOA/SC - Grupo Executivo de Inspeção de Produtos de Origem Animal.

1.1.- Produtos de Origem Vegetal

Os trabalhos neste campo, como foi citado, são executados pelo CLAVESC, através de convênio entre o Ministério da Agricultura e a Secretaria da Agricultura e Abastecimento. De acordo com o convênio, cabe ao Ministério a função de coordenação e à Secretaria a execução dos trabalhos.

Para atuar neste campo, o Estado foi dividido em quatro grandes regiões, ou seja: Região de Chapecó, de Mafra, de Joinville e Tubarão. Cada uma dessas regiões possui, além do posto de classificação na sede regional, outros postos localizados em Municípios vizinhos, conforme especificado a seguir:

REGIÃO	MUNICÍPIOS COM POSTOS DE SERVIÇO
. Chapecó	São Lourenço d'Oeste, São Miguel d'Oeste e Palmitos
. Mafra	Videira, Joaçaba, Concórdia e Lages
. Joinville	Itajaí, Timbó, Rio do Sul e Jaraguá do Sul
. Tubarão	Criciúma e Araranguá

O serviço conta ainda com três postos de barreira, com a finalidade de classificar produtos de comércio interestadual, sem classificação na origem, os quais estão localizados em Palhoça, Mafra e Garuva.

A seguir apresenta-se um quadro com o volume físico e valor comercial dos produtos classificados em 1975.

Quadro nº 45

P R O D U T O	VOLUME FÍSICO (t)	VALOR COMERCIAL (Cr\$ 1.000,00)
. Algodão em Pluma	1.243	8.062
. Arroz Beneficiado	146.411	594.885
. Arroz em Casca	52.587	80.340
. Arroz Quebrado	1.765	4.270
. Batatinha	6.807	9.038
. Cebola	8.220	9.201
. Farinha de Mandioca	34.047	55.303
. Fécula de Mandioca	35.782	84.708
. Feijão	109.106	224.466
. Milho	85.780	56.821
. Soja	143.153	181.658
. Fumo	48.020	408.795
. Outros (Diversos)	41.028	107.649

FONTE: CLAVESC

1.2.- Produtos de Origem Animal

O Grupo Executivo de Inspeção de Produtos de Origem Animal (GEIPOA) é o órgão, a nível estadual, encarregado de exercer as funções de fiscalização e inspeção destes produtos, como unidade de execução do Departamento Nacional de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA) do Ministério da Agricultura.

O GEIPOA/SC tem sua administração centralizada em Florianópolis, possuindo um laboratório de controle físico, químico, bacteriológico e bromatológico dos produtos de origem animal, sediado no município de São José.

Espalhados no interior do Estado existem nove "Postos de Inspeção" (POINS), localizados nas áreas onde se concentra o maior número de indústrias sob inspeção. Estes postos estão instalados nas cidades de Florianópolis, Blumenau, Joaçaba, Itajaí, Laguna, Videira, Lages, Concórdia e Chapecó. Em cada indústria que recebe a inspeção, há uma unidade permanente de vigilância do Serviço de Inspeção Federal (SIF).

2.- Defesa Sanitária

2.1.- Defesa Sanitária Vegetal

As atividades neste campo são desenvolvidas pelo Ministério da Agricultura e Secretaria da Agricultura e Abastecimento de Santa Catarina.

A coordenação das atividades do Ministério da Agricultura no setor, é efetuada pelo Grupo Executivo de Produção Vegetal da DEMA/SC, que conta com um Laboratório de Patologia Vegetal localizado no município de São José e com um Posto de Defesa Sanitária Vegetal (PODEF) em São Francisco do Sul.

A Secretaria da Agricultura e Abastecimento através da CODESA - Coordenação da Defesa Sanitária, atua nos campos de defesa sanitária animal e vegetal.

2.2.- Defesa Sanitária Animal

O Programa de Defesa Sanitária Animal em Santa Catarina é executado, basicamente, pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento, que mantém convênios com o Ministério da Agricultura para execução de projetos ligados ao Programa Nacional de Saúde Animal-PRONASA.

Atualmente os projetos de Combate à Febre Afetosa, Raiva dos Herbívoros, Brucelose e Tuberculose, são executados pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento, cabendo ao Ministério da Agricultura os aspectos de controle e avaliação.

O Laboratório de Diagnóstico de Zoonoses do Ministério da Agricultura, localizado em São José, está sendo readaptado, visando dar maior suporte técnico aos projetos de Defesa Sanitária Animal bem como atender suas atribuições, a nível nacional, de controle e análise de vacinas anti-rábica.

Na Secretaria da Agricultura e Abastecimento, a Coordenação da Defesa Sanitária (CODESA) tem como atribuições a vigilância, diagnóstico, controle e combate às doenças infecto-contagiosas e parasitárias dos animais domésticos. A nível de campo os trabalhos são realizados sob a forma de "Campanhas", executados por pessoal técnico próprio ou através de convênios com entidades públicas e/ou privadas.

IX - ESTIMATIVA GLOBAL DAS NECESSIDADES

Para que o Governo tenha uma orientação das necessidades de insumos, foram realizadas estimativas que permitem ao mesmo, tomar as providências necessárias, em tempo hábil, no sentido de que estes produtos sejam facilmente encontrados, no momento oportuno.

Os quadros que seguem demonstram as necessidades de insumos para o Estado de Santa Catarina, nos anos de 1975, 1976 e 1977.

Estimativa Global das Necessidades de Insumos - Santa Catarina - 1975

PRODUTO	UNIDADE	MILHO	ARROZ	TRIGO	SOJA	MANDIOCA	FEIJO	CANA DE AÇUCAR INDUSTRIAL	BATAI-NHA	FUMO	FRUTIC. CLIDA TEMPER.	BANANA	SUINO-CULTURA	BOVINO-CULTURA	AVICULTURA	TOTAL
INSUMOS																
SEMENTES																
• Seleccionaças ...	t	1.600	791	3.278	10.605	-	-	(23.000) (1)	12.318	-	-	-	-	-	-	28.592
• Comuns	t	15.360	10.849	5.662	15.700	-	11.104	-	15.205	-	-	-	-	-	-	73.880
FERTILIZANTES																
• N	t	14.840	2.410	3.270	4.670	890	503	620	930	1.250	1.500	25	-	-	-	30.918
• P ₂ O ₅	t	29.824	4.810	6.600	9.150	1.850	1.000	1.300	1.900	2.360	2.990	51	-	-	-	61.835
• K ₂ O	t	10.060	1.570	2.160	3.020	610	349	420	610	770	1.026	17	-	-	-	20.612
• Calcário	t	164.000	6.000	12.000	45.000	14.700	10.800	5.200	4.500	7.000	30.500	100	-	-	-	300.000
DEFENSIVOS																
• Herbicidas, Inseticidas e Fungicidas	t	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.243
MAQUINAS																
• Tratores:	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	300
• Esteiras	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9.762
• Pneus	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.906
• Colhedoiras	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
DEFESA ANIMAL																
• Vacina:																
• Afosa	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6.700	-	6.700
• Raiva	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	-	100
• Carb. Sintom.	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	-	100
• Pneumocentrite	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50	-	50
• Peste Suína	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	430	-	-	430
• Paratifo	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	430	-	-	430
• Epitelioma	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	52.500	-	52.500
• Marek	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50.000	-	50.000
• Newcastle	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100.000	-	100.000
• Encefalom.	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	51.000	-	51.000
• Ração	t	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	815.290	42.000	253.250	1.110.540
MANEJO																
• Capacidade de Armazenamento	t	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.337.757
PREMIO																
• Custeio	Cr\$ 1.000,00	131.590	52.665	23.447	49.060	13.186	8.369	9.738	4.800	61.145	-	-	133.701	52.358	62.794	622.853
RETRIBUICAO MURTA																
• Propriedades Ativas	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6.130
ASSISTENCIA TECNICA																
• Produtores Ativos e técnicos	un.	8.190	2.333	1.950	4.619	1.296	1.596	1.848	-	-	912	1.062	331	1.079	1.420	26.644 + 3.995 (2)
• Ms de técnicos	un.	68	34	9	34	11	7	5	-	-	26	3	53	14	23	267+60 (3)

(1) = Mudas.
 (2) = Produtores assistidos por firmas particulares.
 (3) = Técnicos de firmas particulares.
 FONTE : SUPPLY/MA - SAA - MA - ACAHESC - ERUSC.

PRODUTO	UNIDADE	MILHO	ARROZ	TRIGO	SOJA	MANDIOCA	FEIJÃO	CAÑA DE AÇÚCAR INDUSTRIAL	BATATA MIHA	FUMO	FRUITIC. CILIMA TERPER.	BANANA	SUINO-CULTURA	BOVINO-CULTURA	AVICUL-TURA	TOTAL
INSUMOS																
SELETES																
• Seleccionadas	t	2.500	2.000	1.048	11.000	-	-	(24.000) (1)	14.822	-	-	-	-	-	-	31.370
• Comuns	t	15.680	10.500	7.052	13.000	-	10.230	-	9.178	-	-	-	-	-	-	65.640
FERTILIZANTES																
• N	t	17.017	2.766	3.899	5.514	955	591	682	1.006	1.277	1.817	31	-	-	-	35.555
• P ₂ O ₅	t	34.534	5.331	7.778	10.895	1.900	1.141	1.364	2.131	2.555	3.421	60	-	-	-	71.110
• K ₂ O	t	11.538	1.776	2.581	3.607	636	380	454	683	868	1.158	29	-	-	-	23.703
• Calcário	t	190.881	6.717	13.818	49.682	17.123	12.653	6.000	4.753	7.500	35.756	117	-	-	-	345.000
DEFENSIVOS																
• Herbicidas, Inseticidas, Fungicidas	t	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.400
MÁQUINAS																
• Tratores	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	490
• Esteiras	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9.960
• Pneus	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.050
• Colheadeiras	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
DEFESA ANIMAL																
• Vacina:																
• Artosa	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6.800	-	6.800
• Raiva	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	-	100
• Carb. Sintom	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	-	100
• Pneumocentrite	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50	-	50
• Peste suína	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	430	-	-	430
• Paratifo	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	430	-	-	430
• Epitelioma	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	62.500	-	62.500
• Marek	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	60.000	-	60.000
• Newcastle	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	120.000	-	120.000
• Escefalom.	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	61.000	-	61.000
• Ração	t	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	823.480	42.000	311.260	1.176.740
APAZERAGEM																
• Capacidade de Armazenamento	t	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.405.757
CRÉDITO																
• Custeio	CS 1.000,00	151.130	60.560	27.000	56.420	15.160	9.630	11.200	5.500	70.320	-	-	153.760	60.200	95.200	716.030
ELTRIFICAÇÃO RURAL																
• Propriedades atingidas	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	20
ASSISTÊNCIA TÉCNICA																
• Produtores Atendidos	un.	9.645	2.745	2.295	5.435	1.525	1.878	2.175	-	-	1.072	1.250	389	1.270	1.670	31.349 +
• Nº de técnicos	un.	80	40	40	13	8	11	6	-	-	31	4	62	17	27	4.700 (2)

(1) = Indas.
 (2) = Produtores assistidos por firmas particulares.
 (3) = técnicos de firmas particulares.
 FONTE: SUPPLAN/MA - ACAFESC - SAA - MA - ERUSC.

PRODUTO	UNIDADE	MILHO	ARROZ.	TRIGO	SOJA	MANDIOCA	FEIJÃO	CAÑA DE AÇÚCAR INDUSTRIAL	BATAIHA	FUMO	FRUTIC. CLTRA TEMPER.	BANANA	SUJINO-CULTURA	BOVINO-CULTURA	AVICULTURA	TOTAL
INSUMOS																
SELETTES																
Selecionadas ...	t	3.000	2.000	5.000	12.000	-	150	(27.300)	14.822	-	-	-	-	-	-	36.972
Ceruus	t	15.800	12.800	3.100	15.200	-	11.100	-	9.178	-	-	-	-	-	-	67.178
FERLIZANTES																
F	t	20.400	3.000	4.460	6.270	1.050	620	750	1.124	1.350	1.830	30	-	-	-	40.884
F205	t	40.780	6.000	8.900	12.520	2.100	1.220	1.500	2.225	2.700	3.769	62	-	-	-	81.776
K20	t	13.320	2.030	2.960	4.350	700	410	539	760	200	1.270	20	-	-	-	27.259
Calcário	t	220.000	7.800	16.000	58.000	20.000	14.600	7.000	5.760	8.700	42.000	140	-	-	-	400.000
DEVENBIVOS																
Hericidas, Inse ticidas, e Fungl cidas	t	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.578
MQUINAS																
Tra-Ores:	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	510
- Esteiras	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10.240
- Pneus	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.105
- Colheadeiras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
DREESA ANIMAL																
Vacinas:																
- Afiosa	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6.900	-	6.900
- Raiva	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	110	-	110	
- Carb. Sintom.	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100	-	100	
- Pneumocenterite	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	50	-	50	
- Peste Suína ..	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	430	-	430	
- Paratifo	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	430	-	430	
- Epitelicoma ..	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	72.500	72.500	72.500	
- Marek	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	70.000	70.000	70.000	
- Newcastle	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	140.000	140.000	140.000	
- Encefalom.	1.000 doses	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	72.000	72.000	72.000	
- Ração	t	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	44.000	347.200	1.230.430	
ARMZENAGEM																
Capacidade de Ar macenamento	t	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.473.757
CRDITO																
Custelo	C\$ 1.000,00	173.800	69.650	31.000	64.900	17.440	11.070	12.900	6.350	80.870	-	-	176.820	69.250	109.500	623.550
ELERIFICAO RURAL																
Propriedades A - tingidas	un.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	26.070
ASSISTENCIA TECNICA																
Produtores atin- gidos	un.	11.092	3.157	2.639	6.250	1.754	2.160	2.500	-	-	1.233	1.438	447	1.460	1.920	36.050
Nº de técnicos ..	un.	92	46	13	46	15	10	7	-	-	36	5	71	19	31	5.405 (2) 391+80(3)

(1) = Mudas.
 (2) = Produtores Assistidos por firmas particulares.
 (3) = técnicos de firmas particulares.
 FONTE: MA - SAA - SUPLAN/MA - ACARESC - ERUSC.

ÍNDICE GERAL

<u>C Ó D I G O</u>	<u>PÁGINA</u>
I - ASPECTOS GERAIS DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE ..	2
1. A Estrutura Fundiária	2
2. Participação dos subsetores Agropecuários na Economia Catarinense	6
3. A Economia de Santa Catarina e o Setor Agropecuário	8
4. A Força do Trabalho	10
5. Valor da Produção dos Principais Produtos Agropecuários - SC	12
6. Exportação do Setor Agropecuário Catarinense	14
II - PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DAS PRINCIPAIS CULTURAS E CRIAÇÕES DO ESTADO	18
1. Milho	18
2. Mandioca	20
3. Fumo	22
4. Arroz	24
5. Feijão	26
6. Trigo	28
7. Batatinha	30
8. Cana-de-Açúcar	32
9. Soja	34
10. Fruticultura	36
11. Suinocultura	42
12. Avicultura	44

	13. Gado Leiteiro	46
	14. Gado de Corte	48
III -	BALANÇO DE PRODUÇÃO E UTILIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS	50
IV -	DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO	56
	1. Pesquisa e Experimentação	56
	2. Insumos Modernos e Material Agropecuário	56
	2.1. Fertilizantes e Corretivos	57
	2.2. Defensivos Agrícolas	59
	2.3. Insumos Modernos na Pecuária	59
	2.3.1. Rações e Concentrados	59
	2.3.2. Produtos Veterinários	59
	3. Mecanização Agrícola	60
	4. Sementes e Mudanças Seleccionadas	60
	5. Assistência Técnica	65
	6. Reprodutores e Matrizes	66
	6.1. Suinocultura	66
	6.2. Bovinocultura	69
	6.3. Avicultura	70
V -	INFRAESTRUTURA AGRÍCOLA	72
	1. Drenagem	72
	2. Eletrificação Rural	72
VI -	COMERCIALIZAÇÃO E ABASTECIMENTO	75
	1. Comercialização e Abastecimento	75
	1.1. Milho	75
	1.2. Mandioca	76

1.3.	Fumo	81
1.4.	Arroz	82
1.5.	Feijão	84
1.6.	Trigo	86
1.7.	Batatinha	86
1.8.	Cana-de-Açúcar	89
1.9.	Soja	90
1.10.	Banana	91
1.11.	Fruticultura de Clima Temperado	92
1.12.	Bovinocultura de Corte	96
1.13.	Suinocultura	98
1.14.	Avicultura	99
1.15.	Leite	100
1.16.	Considerações sobre a Lucratividade das Explorações Agropecuárias	102
2.	Informações de Mercado	105
3.	Armazenamento	105
4.	Transporte	112
VII	- FINANCIAMENTO	116
1.	Crédito	116
2.	Preços Mínimos	116
VIII	- CONTROLE E FISCALIZAÇÃO	118
1.	Inspeção, Padronização e Classificação ...	118
1.1.	Produtos de Origem Vegetal	118
1.2.	Produtos de Origem Animal	120
2.	Defesa Sanitária	120
2.1.	Defesa Sanitária Vegetal	120
2.2.	Defesa Sanitária Animal	121
IX	- ESTIMATIVA GLOBAL DAS NECESSIDADES	122

ÍNDICE DOS QUADROS

<u>NÚMERO</u>	<u>E S P E C I F I C A Ç Ã O</u>	<u>PÁGINA</u>
1	Classes de Imóveis Rurais	3
2	Classificação dos Imóveis Rurais	4
3	Participação Percentual dos Subsetores Agropecuários em Santa Catarina	8
4	Valor Bruto da Produção de Santa Catarina	10
5	População Economicamente Ativa, por Setor - Santa Catarina	11
6	Valor da Produção dos Principais Produtos Agropecuários e sua Participação Percen- tual	13
7	Exportações de Produtos Agropecuários no Estado de Santa Catarina	15
8	Área, Rendimento e Produção de Milho	19
9	Área, Rendimento e Produção da Mandioca .	21
10	Área, Rendimento e Produção do Fumo	23
11	Área, rendimento e Produção do Arroz	25
12	Área, Rendimento e Produção do Feijão ...	27
13	Área, Rendimento e Produção do Trigo	29
14	Área, Rendimento e Produção da Batatinha.	31
15	Área, Rendimento e Produção da Cana-de- Açúcar	33
16	Área, rendimento e Produção da Soja	35
17	Evolução dos Plantios de Frutíferas de Clima Temperado	37

18	Produção de Frutas de Clima Temperado ..	39
19	Área, Rendimento e Produção da Banana ..	41
20	Abate e Produção de Suínos	43
21	Abate e Produção de Aves	45
22	Produção de Leite em Santa Catarina	47
23	Efetivo do Rebanho e Produção de Bovinos para abate	49
24	Balanco de Produção e Utilização dos Principais Produtos - 1975	52
25	Balanco da Produção e Utilização dos Principais Produtos - 1976	53
26	Balanco da Produção e Utilização dos Principais Produtos - 1977	54
27	Coeficientes e Perdas	55
28	Evolução do Uso de Corretivos	58
29	Produção de Sementes Melhoradas	61
30	Utilização de Sementes e Mudas - 1975/77.	63/64
31	Estabelecimentos Registrados no Pig Book Brasileiro - SC/1975	66
32	Reprodutores Inscritos por SC no Pig Book Brasileiro	67
33	Exportação de Reprodutores Suínos para Outros Estados - SC/1975	68
34	Importação de Reprodutores Suínos de Outros Países - SC/1974/75	69
35	Bovinos Registrados na ACCB - 1975	70
36	Eletrificação Rural - Metas SC/1975/77	74

37	Lucratividade da Exploração Agrícola Lavoura - 1975	103
38	Lucratividade da Exploração Agrícola Pecuária - 1975	104
39	PROCAZEM - Programa de Financiamento para Armazenagem em Santa Catarina ...	107
40	Produtos Agrícolas Armazenados nas Uni dades da CIBRAZEM em Santa Catarina - 1975	109
41	Capacidade Frigorífica Instalada SC - 1975	110
42	Armazenagem - Santa Catarina - 1975/77	111
43	Plano Rodoviário para Santa Catarina - Metas	112
44	Plano Rodoviário para Santa Catarina - Recursos	113
45	Volume e Valor dos Produtos Classifica dos em 1975, no Estado	119
46	Estimativa Global das Necessidades de Insumos - SC/1975	123
47	Estimativa Global das Necessidades de Insumos - SC/1976	124
48	Estimativa Global das Necessidades de Insumos - SC/1977	125